

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

CLARICE DE FREITAS SOUSA

**“MY NAME IS LIZZIE BENNET”: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO TRANSMÍDIA
DE ORGULHO E PRECONCEITO**

Uberlândia - MG

2014

CLARICE DE FREITAS SOUSA

**“MY NAME IS LIZZIE BENNET”: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO TRANSMÍDIA
DE ORGULHO E PRECONCEITO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Mirna Tonus

Uberlândia – 2014

CLARICE DE FREITAS SOUSA

**“MY NAME IS LIZZIE BENNET”: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO TRANSMÍDIA
DE ORGULHO E PRECONCEITO**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mirna Tonus – UFU
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Betina R. R. Cunha – UFU
Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Ingrid Gomes – UFU
Examinadora

Uberlândia, ____de ____de 2014

SOUSA, Clarice de Freitas. “**My name is Lizzie Bennet**”: uma análise da adaptação transmídia de Orgulho e Preconceito. 2014. 79 p. Monografia (Curso de Comunicação Social: Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar que tipos de alterações acontecem na narrativa quando um livro é adaptado para o formato transmídia como a websérie *The Lizzie Bennet Diaries*, adaptação de *Orgulho e Preconceito*, obra de Jane Austen. Na adaptação, a personagem principal inicia um vlog como trabalho de faculdade e passa a narrar os acontecimentos da sua vida e das pessoas a sua volta, seguindo a história de Austen, sendo acompanhada por vários spin-offs e contas nas mídias sociais, que mostram o desenvolvimento de outros personagens da websérie. A interação entre os personagens e o público para a construção da narrativa são estudadas sob o ponto de vista da Teoria Tecnológica por causa da ampliação das relações sociais e formação de comunidades em ambientes de rede para o acompanhamento da adaptação. A partir do conceito de McLuhan de que “o meio é a mensagem”, observa-se como a mudança do suporte interfere na maneira como a história é contada, assim como os conceitos de cibercultura e transmídia, uma vez que ao utilizarem diversas mídias, não só a interatividade do público com a websérie é maior, como o mesmo acaba influenciando os acontecimentos da história e a própria movimentação das pessoas. Como ainda não há uma metodologia de análise específica, por ser um objeto de estudo novo, utilizaremos técnicas propostas por outros pesquisadores, para descrever informações pertinentes e que possam facilitar o estudo devido ao alcance de suas proposições e a visualização do desenvolvimento das narrativas transmídia por meio de uma esquematização gráfica.

Palavras-chave: Transmídia. Adaptação. *The Lizzie Bennet Diaries*. *Orgulho e Preconceito*.

SOUSA, Clarice de Freitas. **“My name is Lizzie Bennet”**: an analysis of the transmedia adaptation of *Pride and Prejudice*. 2014. 79 p. Monograph (Social Communication Course: Journalism). Federal University of Uberlândia. Uberlândia, 2014..

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze what kinds of changes happen in the narrative when a book is adapted for transmedia format as the webseries *The Lizzie Bennet Diaries*, adaptation of *Pride and Prejudice*, book by Jane Austen. In the adaptation, the main character starts a vlog as college work and starts to narrate the events of her life and the people around her, following the story of Austen, accompanied by several spin-offs and social media accounts, which show the development of other characters in the webseries. The interaction between the characters and the audience for the narrative construction are studied from the point of view of Technological Theory because of increasing social relationships and community formation in a network environment to monitor adaptation. From the concept of McLuhan that "the medium is the message", it is observed how the change of support interferes with the way the story is told as well as the concepts of cyberculture and transmedia, since when using different media, not only the crowd interaction with the webseries is larger, as it eventually influenced the events of the story and the people's very movement. As there is no specific methodology of analysis, since it is a new study subject, we use techniques proposed by other researchers to describe relevant information which may further the study due to the scope of the proposals and the visualization of the development of transmedia narratives by means of a graphical layout.

Key words: Transmedia. Adaptation. *The Lizzie Bennet Diaries*. *Pride and Prejudice*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Primeiro episódio de The Lizzie Bennet Diaries	8
FIGURA 2 – O que é spin-off?	26
FIGURA 3 – Darcy pede Elizabeth em casamento	30
QUADRO 1 - Adaptações literárias de Orgulho e Preconceito	32
FIGURA 4 – Lizzie fala sobre as irmãs e ela mesma.....	37
FIGURA 5 – O começo da transmediação em The Lizzie Bennet Diaries	41
FIGURA 6 – O outro lado no Twitter	41
FIGURA 7 – Página inicial da Novelty Exposures	44
FIGURA 8 – Petição contra a fita de Lydia	51
FIGURA 9 – Demonstração do Domino	52
FIGURA 10 – Lydia comenta sua relação com Wickham	52
FIGURA 11 – Gráfico do universo transmídia de Orgulho e Preconceito.....	54
FIGURA 12 – Papeis de produtores e consumidores se misturam.....	57
FIGURA 13 – Tccendo Lizzie Bennet	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS	11
2.1 Meios, Cibercultura e Transmídia.....	11
2.2 Adaptações e o Youtube	20
2.3 Vlogs, Webséries e Spin-offs.....	24
3 “ORGULHO E PRECONCEITO” E SUAS ADAPTAÇÕES	28
4 DESVENDANDO OS DIÁRIOS DE LIZZIE BENNET	39
4.1 Respondendo Gambarato	40
4.2 Visualizando a transmídia com Ishida e Collaço	53
4.3 Tccendo Lizzie Bennet	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	68
APÊNDICES	70

|

1 INTRODUÇÃO

Quando Elizabeth recebeu as duas cartas de Jane em Lambton, ela não podia imaginar o que acontecera com sua irmã Lydia ou a tragédia que poderia se abater sobre sua família. Lydia fugira com Wickham, um oficial do regimento inglês, sem se casar, o que era um absurdo e uma vergonha para a época em que o livro foi publicado, no começo do século XIX, representava uma vergonha para a família. O tema desta pesquisa enfoca as mudanças que a adaptação do livro *Orgulho e Preconceito*, no âmbito de uma proposta transmídia, provocam na narrativa literária nesse determinado período da trama. A escolha do tema se deu pelo fato de a transmediação ter transformado a maneira como o público consome e interage com o produto e como a história é contada em um meio de comunicação e uma dimensão espaço-temporal diferente.

Na websérie *The Lizzie Bennet Diaries*¹, ou TLBD, adaptação da obra de Jane Austen, podem-se observar essas diferenças geradas pela mudança de suporte, que serão o foco desta pesquisa. Primeiramente, será abordado o conceito de transmídia utilizado por Henry Jenkins, como uma forma de comunicação a partir de vários meios e mensagens diferentes que constroem uma nova história, na qual cada meio se torna a entrada para a narrativa. A série que será analisada está disponível em um canal do Youtube e tem 100 capítulos; o primeiro episódio, por exemplo, contava com mais de 1,5 milhão de visualizações até 07 de fevereiro de 2014, sendo mais de 237 mil inscritos no canal e mais de 42,5 milhões de visualizações e arrecadou 462 mil dólares no Kickstarter², pré-vendendo mais de 5.800 DVDs.

Na adaptação, a personagem principal inicia os vídeos como um trabalho de faculdade e passa a narrar os acontecimentos da sua vida e das pessoas a sua volta, seguindo a história de Austen. Ao apresentar o vlog³, Lizzie demonstra consciência de que está sendo visualizada por outras pessoas e espera ter algum retorno delas. Além da narrativa principal, a websérie conta com vários spin-offs, ou seja, histórias paralelas criadas a partir da série, que podem ou não contribuir para seu entendimento, contos dos personagens em mídias sociais

¹ A websérie pode ser acessada no canal do Youtube disponível em <http://www.youtube.com/user/LizzieBennet> (THE LIZZIE..., 2012-2013, s.p.)

² Plataforma utilizada para financiar projetos independentes e criativos, desde filmes, jogos e música à arte, design e tecnologia, através do apoio direto das pessoas, que qualquer um pode lançar no site, desde que atenda às diretrizes do mesmo. Disponível em <http://www.kickstarter.com/>

³ Conceito apresentado no capítulo três, na página 24.

como Twitter, Facebook, Tumblr e Google+, bem como conta oficial da adaptação, sendo que as pessoas podem postar comentários e obter um retorno sobre a história.

Essa interação entre os personagens e o público para a construção da narrativa pode ser estudada sob o ponto de vista da Teoria Tecnológica e do conceito de cibercultura, devido à ampliação das relações sociais e à formação de comunidades em ambientes de rede para o acompanhamento da adaptação. Trabalhando com textos de McLuhan, será possível observar como a mudança do suporte interfere na maneira como a história é contada, mas surge uma questão: Como se deram essas mudanças e qual sua relevância para contextualizar a adaptação? A pesquisa realizada buscou responder a essa pergunta, aprofundando os conhecimentos em metodologia de análise transmídia e em adaptações para a web, além dos conceitos de transmídia, cibercultura, spin-off, vlog. Também busca mostrar que diferenças ocorrem na narrativa das duas obras e apresentar como esse formato permite a interação do público com a história e o que isso provoca.

FIGURA 1 – Primeiro episódio de The Lizzie Bennet Diaries



Fonte: The Lizzie... (2012-2013, s.p.)

O motivo é que a adaptação de um livro para o cinema costuma vir acompanhada de polêmicas quanto à fidelidade à obra original. As mudanças que acontecem na narrativa são vistas com maus olhos, apesar de os meios serem diferentes. Com a transmediação, a história passa a ser construída a partir de vários meios e mensagens diferentes, que, juntos, transformam a maneira com que o público interage com o conteúdo, alterando ainda mais a

forma como a adaptação é narrada. *The Lizzie Bennet Diaries* não se trata somente de uma alteração de suporte, como também de tempo e espaço onde a narrativa acontece.

Esse processo que busca diferentes construções e a participação do público na narrativa pode ser observado em novelas brasileiras, como *Viver a Vida* e *Malhação*, e séries americanas de TV, como *Lost* e *Castle*. Nestas e em outras histórias, a narrativa foi construída de forma que as pessoas pudessem ter novas experiências de participação em várias mídias, algo que tem se tornado cada vez mais comum. TLBD leva a transmediação para o campo das adaptações de livros, abrindo caminho para a internet como suporte principal.

Pode-se observar uma crescente demanda das pessoas por algo mais que ver um vídeo na internet. Talvez elas também queiram interagir diretamente com personagens e com a história, baixar músicas, imagens, jogos, comprar produtos e saber mais sobre aquela série que estão acompanhando. Uma websérie permite esse contato dos fãs e “com isso, você ganha informações preciosas sobre o que você fez certo e o que fez de errado, e pode usar esse conhecimento para fazer melhor no próximo trabalho” (LOPES, 2012 apud PEREZ, 2012), fazendo com que o formato atenda as necessidades de quem o produz e de quem o assiste.

Diante desses fatos, analisar a adaptação de *Orgulho e Preconceito* para uma proposta transmídia mostra-se um desafio por três motivos. Primeiramente, quanto à questão da fidelidade da adaptação e de que maneira a utilização de meios tão diferentes para contar essa história altera sua narrativa. Em segundo lugar, pelo fato de o estudo do formato transmídia ainda ser recente e com poucas bibliografias, tornando a pesquisa relevante não só por apresentar uma análise sobre as transformações que esse formato proporciona para obras já conhecidas, como também por oferecer mais informações sobre essa área de estudo e mostrar uma nova forma de ver a utilização de vários meios para contar uma história. Em terceiro lugar, por mostrar como o formato transmídia aplicado à websérie transforma a relação entre produtores e consumidores.

A primeira etapa deste trabalho consistiu na revisão bibliográfica acerca da Teoria Tecnológica e dos principais conceitos abordados, como vlog, spin-off, transmídia, cibercultura, e embasamento teórico sobre o Youtube e as mídias sociais utilizadas na construção da série. Foi feito um levantamento de textos publicados por meios escritos e eletrônicos para sustentar a análise. Os resultados deste levantamento são mostrados no capítulo dois deste trabalho, onde os conceitos são explicados e conectados para a compreensão da análise realizada no capítulo quatro.

Dentro do universo das adaptações de livros, utilizamos como corpus da pesquisa o livro *Orgulho e Preconceito* e a websérie *The Lizzie Bennet Diaries*, observando e analisando

a fuga de Lydia no livro e o período correspondente na adaptação. Logo após, teve início a coleta de dados, com o download dos vídeos do canal de TLBD no Youtube e captação e arquivamento de imagens por meio da função print screen das contas oficiais e dos personagens nas mídias sociais e investigação das adaptações do livro de Austen. Todas as obras encontradas pela autora deste trabalho estão disponibilizadas no capítulo três, onde são listadas e algumas curiosidades.

O tratamento dos dados coletados foi realizado mediante estudo sobre as diferentes abordagens dadas ao período analisado e as mudanças provocadas na narrativa, observando qual o público, seu comportamento com relação aos acontecimentos, expresso publicamente nas mídias sociais, e os recursos utilizados para intensificar a experiência transmídia e engajar os fãs. Também serão analisadas a estrutura e as extensões da narrativa a partir dos elementos diferentes e em comum observados entre as versões e por fim, serão desenvolvidos e apresentados os resultados obtidos a partir das metodologias de análise transmídia que serão adotadas. Como ainda não há uma metodologia de análise específica, por ser um objeto de estudo novo, utilizamos as técnicas propostas por Renira Gambarato em conjunto com a esquematização de Fernando Collaço e Gabriel Ishida, ambas abordadas no capítulo quatro.

Por fim, no quinto capítulo estão as considerações finais, onde retomaremos o tema e objetivos deste trabalho, apontando se eles foram cumpridos e quais os principais resultados encontrados durante a análise, a descrição dos maiores desafios encontrados na pesquisa, o processo do trabalho e propostas para trabalhos futuros.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Ao longo dos séculos, a maneira de contar histórias e as tecnologias utilizadas para isso têm se transformado cada vez mais. A transmídia é uma dessas maneiras, onde vários meios podem ser utilizados para que a narrativa seja distribuída. Neste capítulo, abordamos McLuhan (1974) e a Teoria Tecnológica, na qual o autor trabalha o conceito de que “o meio é a mensagem”, ou seja, que sem o meio, não é possível a mensagem chegar ao seu público e, por isso, é necessário para que a mensagem exista, influenciando na maneira como ela é transmitida. Também falamos dos meios utilizados para a constituição de *The Lizzie Bennet Diaries*, enquanto websérie no formato de vlog, que conta com spin-offs para ajudar a contar sua história. Outros conceitos abordados são o de transmídia, cibercultura, e embasamento teórico sobre o Youtube e as mídias sociais utilizadas na construção da série.

2.1 Meios, Cibercultura e Transmídia

A interação com o público para a construção da narrativa e as alterações que nela ocorrem ao passar de uma história escrita para uma proposta transmídia são estudadas, neste trabalho, a partir da Teoria Tecnológica e do conceito de cibercultura, devido à ampliação das relações sociais e à formação de comunidades em ambientes de rede para o acompanhamento e discussão da adaptação.

A interferência da mudança de suporte na maneira com que a história é contada encontra apoio no conceito de McLuhan (1974), de que “o meio é a mensagem”, já que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio constituem o resultado do novo modelo introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. Em *The Lizzie Bennet Diaries*, é possível ver isso pela maneira como Lizzie se torna dependente do vlog para desenvolver seu projeto da faculdade e desabafar as situações que vive, assim como buscar soluções para problemas do dia a dia. Ela inclusive passa a ver as pessoas que lhe assistem como amigos e conselheiros, estabelecendo contato com os fãs da websérie.

No entanto, não se trata apenas de consequências sociais e pessoais, porque “é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quanto ineficazes na estruturação da forma das associações humanas.” (MCLUHAN, 1974, p. 23), ou seja, sem o meio, a mensagem não pode ser dispersa ou mesmo acontecer, sendo necessário para que esta atinja seu público e faça efeito. Assim, quando os meios evoluem, a mensagem também o faz, pois as maneiras de transmitir essa mensagem mudam, como por exemplo, a mudança da oralidade para a escrita, para o cinema, o rádio, a televisão e, por fim, a internet.

A narrativa transmídia, portanto, se encaixa como uma nova maneira de contar histórias, já que vários meios podem ser utilizados para que sejam distribuídas, além de permitir que o público participe da narrativa por meio da construção de conteúdo e da interação com os personagens nas mídias sociais, configurando o que McLuhan chama de fase final das extensões do homem. “A simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos” (MCLUHAN, 1974, p. 17).

Não se trata mais apenas de receber o conteúdo, mas de participar de sua produção ou distribuição e de se conectar com ele e com outras pessoas por meio dele, fazendo deste ambiente um lugar em que o homem possa definir e se afirmar no seu papel, observando-se que, na corrente de McLuhan, “os resultados obtidos por uma nova tecnologia não são o foco principal, pois o mais importante é o tipo de mudança que tais tecnologias causam nas relações humanas” (TEMER; NERY, 2009, p. 115). No caso de *The Lizzie Bennet Diaries*, a mudança que as tecnologias provocam na narrativa e nas relações do público com as personagens em determinado momento da história.

Trata-se de uma observação bem específica, não sobre se os meios são bons ou maus, mas como sua utilização influenciou na maneira como a história e os personagens são vistos. Se antes só era possível acompanhar Elizabeth Bennet em seu cotidiano, agora, também se pode ver os outros personagens e se relacionar com eles a partir das contas no Twitter, no Facebook, no Tumblr e no Youtube, interagindo e aprofundando o conhecimento sobre eles. Além disso, com os spin-offs, outros personagens aparecem mais e apresentam um desenvolvimento que não era visto na história. O spin-off de Lydia Bennet, por exemplo, mostra a personagem quando ela não está aparecendo no vlog da irmã e como seu evoluiu até o momento de crise da história, que é o corpus deste trabalho.

Pereira (2011) reafirma o conceito de McLuhan de que o meio é a mensagem ao estabelecer que as extensões tecnológicas podem ser pensadas como um meio e vice-versa, e que ambos devem ser entendidos como um novo modelo gramático a propor padrões de organização e de disponibilidade de informações. Assim, o meio pode ser visto como a organização das informações que serão disponibilizadas, ou seja, a mensagem, tornando a mensagem uma extensão tecnológica do homem. Ele também coloca que a intenção maior de McLuhan era ampliar as discussões ao analisar o meio como um todo, entendendo-o como uma nova linguagem dos processos de comunicação em meios eletrônicos, pois o meio influenciava no conteúdo enquanto mensagem a ser dispersa, tornando o estudo de sua obra importante para compreender essa nova linguagem. Assim, a maneira como a mensagem é passada influencia na forma com que é recebida pelos seus espectadores, permitindo que o público tenha sua interpretação do que é mostrado e interaja e discuta sobre a história, fazendo parte do rumo tomado na narrativa.

Neste sentido, as várias possibilidades de interpretação apresentadas, quando ligadas às redes digitais, configuram o conceito de cibercultura, que permite todo tipo de interações e trocas, possibilitando uma nova forma de se ligar ao outro, “fazendo a mediação das nossas relações sociais, de nossa autoidentidade e do nosso sentido mais amplo de vida social” (SANTAELLA, 2010, p. 105). Para Lemos (2008), isso cria uma nova relação entre a técnica e a vida social, apresentando as novas tecnologias como vetores de novas formas de agregação social. Levy (1999) enfatiza essa interatividade pela comunicação virtual por meio da apropriação e personalização da mensagem recebida, como acontece com as páginas feitas por fãs no Facebook e outras mídias sociais para discutir o vlog e seus desdobramentos, nos quais eles podem expor suas opiniões sobre o que aconteceu em determinada cena ou demonstrar seus sentimentos com relação a algum personagem ou fato.

Nestes casos, a cibercultura encontra-se ligada ao mundo virtual tanto de forma direta quanto indireta. Diretamente, pois os códigos estão inscritos em lugares invisíveis, mas facilmente copiáveis ou transferíveis de um nó a outro da rede (LEVY, 1999). Isso permite que as informações não fiquem presas a determinado espaço-tempo, ou seja, apesar de estarem em um lugar físico, podem ser facilmente acessadas por qualquer pessoa. Pessoas do Brasil, por exemplo, podem assistir pela internet a uma série produzida nos Estados Unidos em tempo real, como *The Lizzie Bennet Diaries* ou mesmo a séries de TV digitalizadas, como *Castle* e *Lost*.

Indiretamente, a comunicação contínua e independente de espaço e tempo, favorecida pelo desenvolvimento das redes digitais interativas e suas particularidades, permite

“que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quanto quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum” (LEVY, 1999, p. 49). Não só as formas de interação, como também de organização tornam-se menos dependentes do lugar, do tempo e do planejamento. Grupos e páginas no Facebook são criados e seu conteúdo é produzido e visualizado de acordo com a disponibilidade das pessoas, já que o material permanece ali para que seja visto e compartilhado.

Assim como McLuhan, Levy enfatiza que uma técnica (ou meio, nas palavras do primeiro autor) não é boa, nem má, dependendo dos contextos, usos e pontos de vista em que se encontram, mas acrescenta que também não é neutra, “já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades” (LEVY, 1999, p. 26). Para ele, não importam os seus impactos, mas onde seus usos nos levariam e os projetos que podem ser formulados para explorar suas virtualidades e o que fazer dela. O que a adaptação de Orgulho e Preconceito nos permite apreender? O que podemos fazer em um canal do Youtube sobre a vida de uma jovem que está fazendo um trabalho de faculdade? Como podemos participar deste produto? Como podemos maximizar essa experiência de interagir com um personagem da internet? São essas perguntas que interessam quando estamos observando uma técnica construída coletivamente no mundo virtual.

A inteligência coletiva, como Levy (1999) a define, é um dos principais motores da cibercultura, pois é essa coletividade que faz com que algo como um vlog seja movimentado por pessoas em vários lugares do mundo e que conversam entre si, apesar da distância.

O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. É assim, por exemplo, que os organismos de formação profissional ou de ensino à distância desenvolvem sistemas de aprendizagem cooperativa em rede. Grandes empresas instalam dispositivos informatizados de auxílio à colaboração e à coordenação descentralizada, os “groupwares”. Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam ideias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos. Informatas de todas as partes do planeta ajudam-se mutuamente para resolver problemas de programação (LEVY, 1999, p. 29).

O meio impresso, o cinema falado ou as realidades virtuais agem sobre diferentes sentidos do indivíduo, mudando a forma como a mensagem é interpretada, especialmente se levarmos em conta as diferentes realidades em cada parte do planeta. Mesmo que o mundo virtual disponha de um espaço contínuo, no qual as informações se encontram, seu entendimento depende da “posição do explorador ou de seu representante dentro deste

mundo” (LEVY, 1999, p. 62). Pessoas que já conheciam “Orgulho e Preconceito” analisam *The Lizzie Bennet Diaries* de forma diferente em relação àquelas que entraram em contato diretamente com a adaptação, já que esta faz inúmeras referências a outras obras de Jane Austen ou mesmo outras adaptações do livro em que se baseia o vlog.

A ideia não é substituir a obra original, mas acrescentar um novo ponto de vista, que envolve as diversas possibilidades já apresentadas sobre o livro, enfatizando a posição de Lemos (2008) sobre as novas tecnologias como vetores de novas formas de agregação social, na qual a cibercultura é uma nova forma de cultura, e não apenas algo particular de uma ou algumas “tribos”. Essas mudanças são particularmente perceptíveis com a passagem da modernidade, cujo tempo segue um progresso linear com espaço definido, para a pós-modernidade, onde o tempo e o espaço são comprimidos, diminuindo a distância virtual entre as pessoas. A pós-modernidade, cuja ideia, de acordo com Lemos (2008), aparece na segunda metade do século XX, com o advento da sociedade de consumo e dos mass media, é o terreno de desenvolvimento da cibercultura justamente por sua forma de relação espaço-temporal.

Com essa nova forma de relação, os meios pelos quais a informação é transmitida e armazenada se tornam independentes e multimodais. A pessoa passa a escolher como ela quer receber aquela informação, seja sob a forma textual, seja imagética ou sonora, o que influencia em como ela é percebida. Assim como TLBD poderia ser acompanhada só pelo Youtube ou qualquer outra mídia social de forma independente, o público poderia ter acesso a todo o seu material, tanto por vídeo, quanto por meio do Twitter, Facebook ou Tumblr. Agora, será que somente ter uma cópia do conteúdo basta? Lemos (2008) coloca que é pela interatividade digital que possibilidades descentralizadoras do poder conseguem se estabelecer e, em seguida, define o conceito de interatividade a que se refere.

Para McLuhan, a interatividade (embora ele não utilize essa palavra) situa-se em termos de media quentes ou frios. Os media quentes são aqueles que permitem pouca ou nenhuma interação do espectador. São media de alta definição onde não existe possibilidade de intervenção. Neste sentido, os media quentes são o rádio, o cinema, a fotografia, o teatro e o alfabeto fonético. Por outro lado, os media frios são aqueles em que a interatividade é permitida, deixando um espaço onde os usuários podem preencher. São media frios a palavra, a televisão, o telefone, e os alfabetos pictográficos. Neste sentido, as tecnologias de cibercultura são media frios, interativos e retribalizantes (LEMOS, 2008, p. 72).

Lemos (2008) ainda reforça como os "novos media" permitem uma comunicação individualizada, personalizada e bidirecional, em tempo real, mudando a estrutura de

produção e distribuição da informação, tanto em jornais, televisões, rádios e revistas, quanto no setor de entretenimento, como no cinema e na música. Isso pode ser observado na maneira como *Orgulho e Preconceito* é adaptado para um vlog e em como o público, a partir dessa adaptação, produz material próprio de acordo com os desejos dos fãs por mais daquele conteúdo, como páginas no Facebook, vídeos no Youtube, ou mesmo um trabalho de conclusão de curso, no caso desta monografia, e um vlog⁴ que acompanhem esta produção.

Já Santaella (2010), embora discorde de Lemos (2008), ao colocar que “quando uma nova tecnologia de comunicação é introduzida, lança uma guerra não declarada à cultura existente” (SANTAELLA, 2010, p. 78), admite que nenhuma era cultural desapareceu ainda com o surgimento de outra, apenas se reajustando no papel social que desempenha. Essas mudanças, provocadas pelo surgimento de novas tecnologias e reajuste das antigas, transformam a maneira como a comunicação é estabelecida entre as pessoas, caracterizando a cibercultura. “Cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos” (SANTAELLA, 2010, p. 82), fugindo da estrutura piramidal que antes dominava a distribuição de conteúdo.

Não se trata mais de “uma hierarquia distributiva dotada de uma fonte” (SANTAELLA, 2010, p. 89), mas de várias fontes distribuidoras, que podem ser acessadas em qualquer tempo e lugar, retomando a definição de Lemos (2008) sobre a não limitação do espaço-tempo, que altera os modos de as pessoas pensarem e perceberem a realidade.

Quando ligado às redes digitais, o computador permite que as pessoas troquem todo tipo de mensagens entre indivíduos ou no interior de grupos, participem de conferências eletrônicas sobre milhares de temas diferentes, tenham acesso às informações públicas contidas nos computadores que participam da rede, disponham da força de cálculo de máquinas situadas a milhares de quilômetros, construam juntos mundos virtuais puramente lúdicos – ou mais sérios –, constituam uns para os outros uma imensa enciclopédia viva, desenvolvam projetos políticos, amizades, cooperações (SANTAELLA, 2010, p. 103).

Tanto Santaella (2010) quanto Jenkins (2009a) definem o processo de fusão das quatro formas principais de comunicação humana – o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema); as telecomunicações (telefone, satélites, cabos) e a informática (computadores, programas informáticos) – em um único setor

⁴O vlog pode ser acessado no canal do Youtube disponível em <http://www.youtube.com/channel/UCWXBGJx50j7JORTH-60RLw> (TCCENDO, 2013-, s.p.)

todo digital como “convergência das mídias” ou “cultura da convergência”, processo este que faz parte da construção da narrativa transmídia.

A maneira como a história de *Orgulho e Preconceito* é transmitida entre as mídias convergentes influencia no que se apreende dela, como se utiliza isso no dia a dia e como as várias mídias e os spin-offs podem atrair as pessoas para interagirem com a narrativa, a partir da história transmídia, que, segundo Jenkins (2009a, p. 138),

[...] desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo. A redundância acaba com o interesse do fã e provoca o fracasso da franquia. Oferecer novos níveis de revelação e experiência renova a franquia e sustenta a fidelidade do consumidor.

The Lizzie Bennet Diaries apresenta essas características que configuram uma narrativa transmídia sob essa ótica, pois sua história se desenrola por meio de plataformas como Youtube, Twitter, Facebook, Tumblr e Google+. Além da história principal, há narrativas paralelas que oferecem ao público outra perspectiva, com os pontos de vista de outros personagens, como os canais The Lydia Bennet, Maria of the Lu e Domino, no Youtube, e Looks by Jane, no Tumblr, assim como as contas pessoais dos personagens nas mídias sociais e as referências feitas a outras obras que envolvem *Orgulho e Preconceito* ou a autora Jane Austen. Essas plataformas permitem maior aprofundamento na história, bem como a interação do público com a narrativa, tornando a experiência mais rica.

Essa experiência é possível graças à cultura da convergência, que é “onde as velhas e novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009a, p. 29). Agora, os papéis de consumidor e produtor não são mais separados, mas se cruzam várias vezes por causa das novas mídias e plataformas, que permitem que cada um conte a sua história e venda a sua marca. O conteúdo, sua criação e distribuição passam por diferentes pessoas e meios, já que a “linha de produção” não transita mais só por uma pessoa. Jenkins (2009a) define essa nova organização como cultura participativa, em que produtores e consumidores de mídia podem ser considerados como “participantes interagindo de acordo

com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo” (JENKINS, 2009a, p. 30).

Esse autor também chama a atenção para o fato de que este paradigma da convergência é uma alternativa da revolução digital, pois se este presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, aquele coloca que ambas passarão a interagir de formas cada vez mais complexas. Esse novo conceito de convergência seria uma forma de resposta aos debates vistos em Santaella (2010) e Lemos (2008) sobre o desaparecimento ou não das mídias antigas e vai além. Não apenas as mídias antigas permanecerão, como sua utilidade se reinventará e se transformará, participando de um novo processo dentro das formas de comunicação, no qual a indústria midiática precisa alterar a forma de construir seus produtos como estratégia para manter o público interessado, alterando o modo como ele encara suas relações com as mídias.

Dentro disso, Jenkins (2009a) coloca que a indústria midiática está sendo forçada a aceitar a convergência devido à extensão, à sinergia e à franquia. Ele define: extensão é a tentativa de expandir os mercados potenciais por meio do movimento de conteúdos por meio de diferentes sistemas de distribuição ou plataformas; sinergia são as oportunidades econômicas representadas pela capacidade de possuir e controlar todas essas manifestações; e franquia é o empenho coordenado para imprimir uma marca e um mercado a conteúdos ficcionais, sob essas condições. Os livros da série *Nikki Heat*, escritos por Richard Castle, personagem da série de televisão norte-americana *Castle*, são exemplos de extensão, assim como a série *CSI* é um exemplo de franquia, pois, além de ter a série original, ambientada em Las Vegas, conta com as versões de Miami e New York, seguindo o mesmo esquema, mudando apenas os personagens e o local. Esses produtos, em conjunto com as obras originais, tornam-se exemplos de sinergia, uma vez que ambas se utilizam do original para atrair o público e, com isso, se aproveitar do mercado já existente em torno dessas obras.

Dentro do contexto da convergência, a narrativa transmídia é uma proposta, que segundo Jenkins (2009a, p. 49), “faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento”. Na narrativa transmídia, os consumidores devem perseguir os pedaços da história nas diferentes mídias e, ao procurar por mais informações com outros fãs, colaborar para que todos possam ter acesso àquele material e, assim, ter uma experiência mais rica na imersão do conteúdo. Essa cultura participativa, intrínseca à narrativa transmídia, também permite que a história tome rumos diferentes, já que o público pode interagir mais e dar uma resposta mais imediata sobre aquilo que ele deseja que seja feito, ou fazer ele mesmo, como nas páginas do Facebook *Socially Awkward Darcy* e

Todos merecem chá e o vídeo da música Lizzie Bennet's DVD (Accio Deathly Hallows Parody).

Outro conceito que merece atenção é o de inteligência coletiva, ou comunidades de conhecimento, pois se refere à produção mútua e coletiva de conhecimento, em que várias respostas são reunidas e acessadas para uma pergunta específica. No entanto, não se trata de conhecimento compartilhado, “pois hoje é impossível um único ser humano, ou mesmo um grupo de pessoas, dominar todo o conhecimento, todas as habilidades. Trata-se, fundamentalmente, de conhecimento coletivo, impossível de reunir em uma única criatura” (LEVY, 1998 apud JENKINS, 2009a, p. 57). Esse tipo de comunidade pode ser reconhecido nas páginas do Facebook ou no grupo Pemberley Digital BR, também no Facebook, ou nos comentários no canal de TLBD no Youtube.

Novamente, a questão do espaço-tempo transforma as relações das pessoas, pois, agora, elas podem conversar e dividir seus conhecimentos e teorias apesar de estarem em lugares e fusos-horários diferentes, já que o ciberespaço amplia a esfera das interações sociais. Entretanto, como essas informações são colocadas na websérie analisada? Como a transmídia foi pensada em *The Lizzie Bennet Diaries*? Vimos que as comunidades de conhecimento dividem essas informações entre si, mas algumas das pistas que são plantadas no vlog só fazem sentido para quem conhece as outras adaptações de *Orgulho e Preconceito* ou, pelo menos, outras obras da autora, ou sabe um pouco sobre as adaptações.

Múltiplos textos são utilizados para oferecer uma imersão em outros aspectos da história, como os tweets ou as contas no Facebook e Tumblr. Discussões sobre mudanças na história ou sobre os personagens também fazem parte da questão da inteligência coletiva, pois, ao buscarem as pistas escondidas ou analisar falas e ações dos personagens, procuram descobrir o que está por vir na história. Um exemplo de referência feita a uma obra relacionada é quando, no segundo episódio, *My Sisters: Problematic to Practically Perfect*, Lizzie Bennet conta que sua mãe e a mãe da personagem Charlotte Lu se conheceram em um grupo de leitura sobre Jane Austen, além de mencionar que gosta de filmes estrelados por Colin Firth (*THE LIZZIE*, 2012-2013, s.p). Isso porque existe um filme de 2007 chamado justamente *O Clube de Leitura de Jane Austen* e o ator já interpretou Darcy na adaptação de 1995 da BBC de *Orgulho e Preconceito* para a televisão.

Contudo, Jenkins (2009a) ressalta que ainda são poucas histórias transmídia “para os produtores de mídia agirem com alguma certeza sobre quais seriam os melhores usos desse novo modo de narrativa, ou para críticos e consumidores saberem como falar, com conhecimento de causa, sobre o que funciona ou não nessas franquias” (JENKINS, 2009a, p.

139). Esse é o motivo pelo qual não há um método de análise específico para narrativas transmídia, que compõe uma das propostas deste trabalho, já que a narrativa transmídia e a convergência das mídias faz com que esse conteúdo se espalhe por diversas plataformas e, como os estudos de McLuhan abordam, o meio influencia na mensagem que é transmitida.

Na era dos efeitos digitais e das imagens de alta resolução, o universo dos games pode ter quase exatamente a mesma aparência do universo dos filmes – pois estão reutilizando muitos dos mesmos recursos. Tudo sobre a estrutura da moderna indústria do entretenimento foi planejado com uma única ideia em mente – a construção e a expansão de franquias de entretenimento (JENKINS, 2009a, p. 148).

Tais afirmações são enfatizadas pela produção posterior de uma série de DVDs de *The Lizzie Bennet Diaries* para venda e de um livro narrando a adaptação, com lançamento previsto para julho de 2014. A transmediação da série chega ao ponto de a empresa fictícia presente na narrativa, Pemberley Digital, se transformar em uma empresa real de produções transmídia, que já conta com as obras *Welcome to Sanditon* e *Emma Approved*, ambas baseadas em escritos de Jane Austen. De certa forma, cada história é ligada à outra, pois alguns de seus personagens seguem ou fazem referências uns aos outros nas mídias sociais.

Quando TLBD ganhou o Emmy, por exemplo, a atriz Ashley Clements, que interpreta Lizzie Bennet, gravou uma mensagem fazendo referência tanto à websérie, quanto ao *Emma Approved*, ao fazer um trocadilho na frase “My name is Lizzie Bennet and my vídeos are Emmy approved”(SU, 2013, s.p.)⁵. No caso da websérie *Welcome to Sanditon*, a personagem Gigi Darcy torna-se a principal, após algumas participações no vlog de Lizzie e de protagonizar o spin-off *Domino*, que se trata de uma ferramenta da empresa Pemberley Digital, criando uma abertura para que as pessoas pudessem assistir a essa outra websérie. Essa abertura presente em *The Lizzie Bennet Diaries* e nas obras relacionadas estabelece novas estruturas narrativas que “criam complexidade ao expandirem a extensão das possibilidades narrativas, em vez de seguirem um único caminho, com começo, meio e fim” (JENKINS, 2009a, p. 170), o que também é apontado por Santaella (2010).

2.2 Adaptações e o Youtube

⁵ Disponível em <https://vine.co/v/hnFYWIwDP1w> (SU, 2013, s.p.)

Nesta monografia, adota-se o conceito de adaptação, uma vez que esta é a definição de *The Lizzie Bennet Diaries*. Aqui, tenta-se explicar como o sentido dessa palavra é importante para entender a narrativa, seus elementos e as mudanças entre o livro e o vlog. O conceito de adaptação do dicionário é “Ação ou efeito de adaptar (-se); Acomodação; Biol Poder normal do olho de ajustar-se às variações da intensidade da luz; Lit Transposição de uma obra literária para outro gênero; Arquit Modificação feita numa edificação para atender a novas finalidades” (MICHAELIS, 2008, p. 16). Isso quer dizer que a palavra se refere a mudanças, que é exatamente o objeto de análise deste trabalho.

No entanto, essa palavra tem difícil conceituação no campo do cinema/audiovisual. Sousa (2012) explica que o motivo é que a maioria dos autores não se arrisca nessa área, mas, ao mesmo tempo, dá uma ideia ampla sobre o que é adaptação.

A maioria dos autores não arrisca tal empreitada e, quando o faz, a sua definição é habitualmente indicativa de uma postura particular sobre a adaptação, possivelmente discutida por correntes divergentes. Lato sensu, podemos chamar "adaptação" à utilização de uma narrativa previamente formalizada como fonte de inspiração para a produção de um novo artefacto narrativo (SOUSA, 2012, p. 15).

Apesar de a maioria dos estudos de adaptação ser relacionada a filmes ou programas de televisão, TLBD pode ser classificada como uma adaptação, visto que sua fonte de inspiração é *Orgulho e Preconceito* e a única exigência de Sousa (2012), por assim dizer, é que seja produzido um novo artefato narrativo. No entanto, o autor também coloca que adaptação e narrativas transmidiáticas são discursos diferentes, pois o elemento comum entre as várias narrativas é o mundo ficcional onde se desenrolam, com cada história sendo apresentada sob a forma de livro, filme, banda desenhada⁶, videogame⁷ ou outro meio, sendo o total apenas encontrado na soma de todas as formas midiáticas. Enquanto isso, o objetivo da adaptação é “contar uma história apenas numa plataforma, numa única enunciação” (SOUSA, 2012, p. 17). Dessa forma, cada parte da narrativa transmídia não pode ser considerada uma adaptação, mas o todo pode, pois se trata da mesma história e não apenas de pedaços dela em meios diferentes.

Outro ponto destacado por Sousa (2012) é que o original e a adaptação “são frequentemente comparados à exaustão, nos seus pontos de convergência e divergência, como

⁶ Histórias em quadrinhos no português empregado em Portugal

⁷ Videogame no português empregado em Portugal

se essa convergência fosse o cânone para a excelência da prática adaptativa” (SOUSA, 2012, p. 23). Em *The Lizzie Bennet Diaries*, os personagens foram adaptados para o século XXI e, por esse motivo, suas histórias foram mudadas para sustentar a narrativa no tempo atual; embora isto certamente influencie na análise que será feita, o objetivo é observar as alterações provocadas pela mudança do meio em que o produto é veiculado. É importante observar, durante a análise, que, apesar de a literatura ser considerada superior por ser mais antiga, ou mesmo por preceder as adaptações, para Bazin (1948), “a literatura é apenas uma parte de um fenómeno cuja amplitude é muito maior” (apud SOUSA, 2012, p. 25).

Hoogendoorn (2013) coloca que as adaptações podem ser divididas em duas categorias: a primeira é fiel à história e ao tempo em que ela se passa, enquanto a segunda está presa somente à narrativa. Muitos filmes ou séries televisivas de *Orgulho e Preconceito*, geralmente homônimos, seguem fielmente a narrativa espaço-temporal da história, enquanto, no caso de *The Lizzie Bennet Diaries* ou *Bride and Prejudice* (Noiva e Preconceito em português), trazem o roteiro de uma mãe obcecada em arrumar maridos para as filhas para a sociedade moderna, ou, no caso da segunda, para a Índia moderna. Em TLBD, ainda é possível perceber como sua história procura retratar *Orgulho e Preconceito*, ao mesmo tempo em que perpassa outras obras relacionadas, como a série homônima da BBC, de 1995, cujo ator que interpretou Darcy é mencionado nos episódios dois e quatro. Sousa (2012) coloca que, nesses casos, a tarefa para distinguir entre filmes originais e adaptações não é fácil, devido às referências cruzadas e alterações, adições e supressões de elementos do texto-fonte, que são comuns em ambos os casos.

É necessário, pois, ressaltar, que tanto Sousa (2012) quanto Hoogendoorn (2013) citam Linda Hutcheon (2006) ao abordar a tentativa de encontrar variáveis que permitam construir um modelo teórico da adaptação. “Hutcheon destaca-se ainda por não se limitar à análise de adaptações de romances ao cinema, incluindo outras formas de adaptação e mesmo os media digitais interactivos” (SOUSA, 2012, p. 56). Isso acontece porque, com o passar do tempo, o objeto de interesse dos estudiosos de adaptação mudou de foco. “Agora não era apenas a relação entre o material de origem e da adaptação, mas também o que foi a mensagem da adaptação, que se tornou interessante para os estudiosos de adaptação” (HOOGENDOORN, 2013, p. 08, tradução nossa). Em função disso, este trabalho busca justamente analisar a mudança na mensagem provocada pela mudança de meio, ou seja, a alteração do material de origem e da adaptação, a começar pelas possibilidades oferecidas pela plataforma YouTube, lançada em junho de 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal (BURGESS; GREEN, 2009).

Em outubro de 2006, o Google adquiriu o YouTube e, no início de 2009, ele estava entre os dez sites mais visitados em nível global (RAUN, 2010, p. 80). No site, o Youtube se define como o lugar “onde bilhões de pessoas descobrem e compartilham vídeos originais e os assistem” e que “oferece um fórum para as pessoas se conectarem, informarem e inspirarem outras pessoas por todo o mundo e atua como uma plataforma de distribuição para criadores de conteúdo original e para grandes e pequenos anunciantes”. Isso remete ao que Burgess e Green (2009) falam sobre o YouTube ser uma plataforma e um agregador de conteúdo, mesmo sem ser o produtor, sendo o valor dele desempenhado ao atrair a atenção para os conteúdos publicados e convidar as pessoas a participarem e produzirem material próprio.

Neste contexto, o site é exemplo do conceito de cultura participativa de Jenkins (2009a), graças às mudanças e diversidades de conteúdos presentes na plataforma, cumprindo uma dupla função, seja top-down, de distribuição de cultura popular, seja bottom-up, de criatividade vernacular. Isso quer dizer que o YouTube pode ser entendido tanto como meio de distribuição popularizante dos produtos da mídia comercial, desafiando a monopolização costumeira daquela chamada mídia de massa, quanto como uma plataforma para conteúdos criados por usuários. A provocação fica por conta de serviços de notícias criados por usuários ou formas genéricas como o vlogging, que podem ser aproveitados pela indústria de mídia tradicional (BURGESS; GREEN, 2009), sendo a cultura participativa o motivo dessa “assimilação pioneira, rápida adoção e usos diversos dessas plataformas” (JENKINS, 2009b, p. 144).

The Lizzie Bennet Diaries destaca-se neste ponto, pois, assim como o canal se apresenta distribuindo o conteúdo top-down, também convida o público ao bottom-up devido aos compartilhamentos, comentários e produção de material pelos fãs, como as páginas Socially Awkward Darcy e Todos merecem chá e o grupo Pemberley Digital BR no Facebook. Quando Jenkins (2009b) diz que o motivo de o Youtube ter aparecido da noite para o dia é que já havia vários grupos esperando por algo do gênero. Devemos levar em consideração que mais de um bilhão de usuários únicos⁸ visita o YouTube todos os meses e que mais de seis bilhões de horas de vídeo são assistidas a cada mês, 50% mais que em 2012.

⁸ “Um usuário específico. Todos os usuários possuem um código alfa e/ou numérico (não é conteúdo pessoal como nome ou o número do dispositivo móvel) que é enviado junto com cada requisição. Esses identificadores únicos são utilizados para determinar quantos usuários únicos viram cada anúncio” (GLOSSÁRIO, 2009, s. p.).

Hoogendoorn (2013), no entanto, aponta que o Youtube não é pioneiro na prática de “usar blogs de vídeo (geralmente abreviado para “vídeo blog” ou “vlog”) para transmitir narrativa e criar histórias de ficção” (HOOGENDOORN, 2013, p. 14, tradução nossa), apesar de a ideia ser bastante nova.

2.3 Vlogs, Webséries e Spin-offs

O conceito de vlog também será utilizado neste trabalho por ser o formato de *The Lizzie Bennet Diaries*. Na narrativa do vlog, referências sutis fazem parte da construção das experiências e dos pensamentos da personagem, sendo encontradas somente por quem conhece esses materiais. Aliás, são essas características demonstradas na série que definem o gênero comunicativo que Lizzie usa, vídeo diário, que é “uma série de gravações de vídeo feitas por alguém durante um período de tempo, no qual eles gravam suas experiências, pensamentos e sentimentos” (DICIONÁRIO, 2009, p. 1702, tradução nossa).

Burgess e Green (2009, p. 192-193), no entanto, definem o vlog como “uma forma predominante do vídeo 'amador' do YouTube tipicamente estruturada sobre o conceito do monólogo feito diretamente para a câmera”. Eles concordam com Raun (2010) que este formato é mais barato e tecnologicamente fácil de fazer, pois não é preciso mais que uma webcam e alguma habilidade em edição, tornando a criação de vlogs uma forma dominante de conteúdo criado pelos usuários.

Por essa razão, Burgess e Green (2009) colocam que não basta se encaixar no padrão de vlog, com alguém falando diretamente para a câmera sobre suas relações domésticas e pessoais, que são características do formato. Se eles forem “exageradamente refinados”, ou seja, mais bem-editados do que deveria, o público pode desconfiar da originalidade da obra. Charlotte comenta sobre isso no oitavo episódio de *The Lizzie Bennet Diaries*. Ela explica sobre como o público gosta da aparência de DIY (“Do it yourself” ou “faça você mesmo”) e como um vídeo parece mais autêntico justamente se não estiver tão “refinado” (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p). É essa característica de autenticidade e vivacidade do vlog e a possibilidade de comunicação direta do formato que chamam o público para participar.

Parece que, mais do que qualquer outro formato na amostragem, o vlog como gênero de comunicação convida à crítica, ao debate e à discussão. A

resposta direta, por meio de comentários ou de vídeos, é o ponto central desse modo de envolvimento. Vlogs frequentemente são respostas a outros vlogs, conduzindo discussões ao longo do YouTube e respondendo diretamente a comentários deixados em postagens anteriores do vlog (BURGESS; GREEN, 2009, p. 79).

Raun (2010) concorda que os vlogs convidam ao engajamento e comenta sobre como a câmera se torna “um veículo de comunicação e conexão social usado para chamar a atenção de uma forma que se assemelha à interação cara a cara” (RAUN, 2010, p. 90), mas isso não quer dizer que todos os vlogs sejam postagens de uma pessoa que quer simplesmente falar ou chamar a atenção. Em alguns casos, são utilizados comercialmente e *The Lizzie Bennet Diaries*, por exemplo, na verdade, se trata de uma websérie apresentada nesse formato.

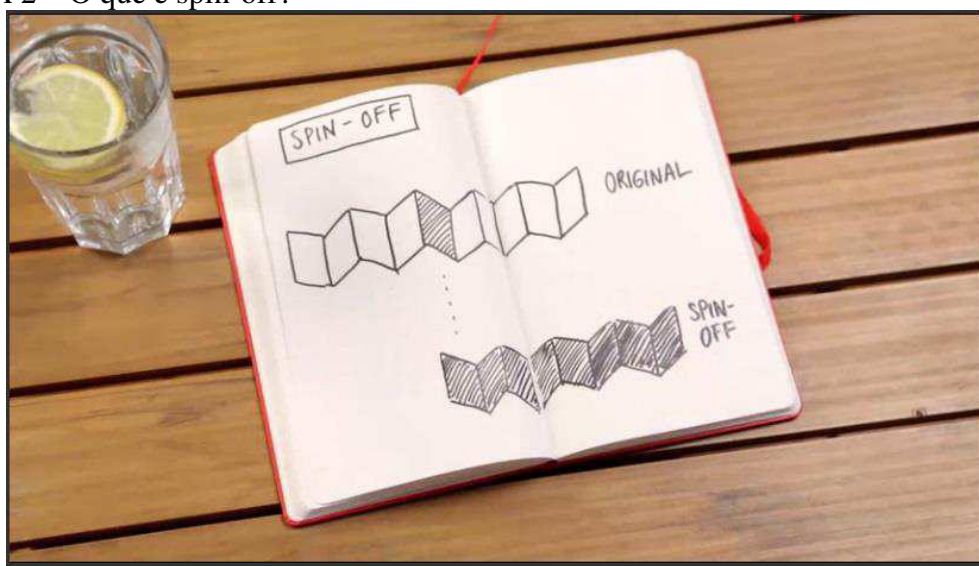
Barbosa (2012) diz que a produção de webséries começou pela necessidade de testar novas linguagens, narrativas e interações com a audiência, pois a produção de conteúdo seriado para internet ainda não tem uma linguagem padrão e diversos formatos aparecem diariamente nas plataformas de compartilhamento de vídeos. Definir essa produção quando as discussões ainda não têm uma definição sobre sua plataforma (o Youtube) é um desafio, mas Lopes (2012), citada por Perez (2012), coloca o mesmo que Barbosa (2012) sobre a oportunidade de experimentação, já que “pelo fato de a websérie ser um formato relativamente novo, existe uma dificuldade em se acertar que tipo de série se adequa ao meio da internet” (PEREZ, 2012, s. p.).

Dentro das possibilidades de contar uma história por meio de uma websérie no formato de vlog, estão os spin-offs, que são “um livro, filme ou programa de televisão, ou um objeto que é baseado em um livro, filme ou série de televisão que tem sido muito bem sucedido” (DICIONÁRIO, 2009, p. 1474, tradução nossa), ou seja, um produto resultante de uma pequena fração de outra obra. No meio audiovisual, em especial em uma narrativa transmídia, os consumidores devem ter acesso a um material que proporcione uma experiência de maior imersão do conteúdo. Além da história principal, o público tem a opção de aprofundar seus conhecimentos e até mesmo sua participação no enredo, pois é essa cultura participativa que fará a história tomar rumos diferentes, já que o público pode interagir mais e dar uma resposta mais imediata.

Barbosa (2012) ressalta que, “no meio audiovisual, para um modelo de negócio tornar-se viável, precisa contemplar o público consumidor e o mercado, um não sobrevive sem o outro” (BARBOSA, 2012, p. 13). Desta forma, trabalhar com spin-offs na websérie possibilita o engajamento e a identificação, tanto do público-alvo quanto do mercado, pois outros personagens e enredos podem ser explorados, ampliando o mundo da história. Por

meio do YouTube ou das mídias sociais como o Facebook, Twitter, Tumblr ou Google+, é possível acompanhar o dia a dia de Lizzie, interagir e aprofundar o conhecimento sobre esses personagens. Os spin-offs complementam a história com outros personagens, que aparecem mais e apresentam um desenvolvimento que não era visto antes. O spin-off de Lydia Bennet mostra o contexto de sua evolução até o momento em que foi utilizado como corpus deste trabalho. Daí a necessidade de trabalhar os conceitos de spin-off e de mídias sociais.

FIGURA 2 – O que é spin-off?



Fonte: FUTURE... (2013, s.p.)

Para Recuero (2010), o que é chamado de mídia social “compreende um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares” (RECUERO, 2010, p. 14), fazendo a informação circular e ser discutida, característica que remonta à cultura participativa de Jenkins (2009a) justamente por convidar o público ao debate. Barbosa (2012) complementa que a utilização desses meios para investir em um público de nicho, disposto a comentar, produzir e divulgar diversos conteúdos de seu interesse é atraente, pois faz o mercado ficar mais competitivo, já que todos têm a possibilidade de produzir, como no formato de vlog, por exemplo.

Com isso, diversas empresas passaram a ver as mídias sociais como ferramentas importantes, levando-as a reservar parte do orçamento de suas campanhas para ações nessas plataformas (NOVAES, 2010), preocupando-se em construir um conteúdo próprio e atraente. Segundo Novaes (2010), no entanto, o diferencial está justamente na participação do usuário em “toda e qualquer área da plataforma, incluindo um canal de relacionamento direto com

seus idealizadores” (NOVAES, 2010, p. 26), que é exatamente o que ocorre em *The Lizzie Bennet Diaries* com as contas dos personagens nas mídias sociais e também dos produtores da websérie. Um dos produtores da websérie, Bernie Su, por exemplo, curtiu a página *Socially Awkward Darcy*, produzida por fãs brasileiras, mas com conteúdo em inglês, já que a adaptação é nessa língua e permite uma quantidade mais ampla de participantes.

Tendo em vista essa ligação entre todas as obras que envolvem *Orgulho e Preconceito*, o próximo capítulo irá apresentar e discorrer sobre o livro de Jane Austen e todas as suas adaptações e interpretações encontradas durante a pesquisa.

3 “ORGULHO E PRECONCEITO” E SUAS ADAPTAÇÕES

*“É verdade universalmente reconhecida que
um homem solteiro e muito rico precisa de esposa”*
(JANE AUSTEN).

Esta é a primeira frase de *Orgulho e Preconceito*, romance publicado em 1813 pela escritora britânica Jane Austen e que conta a história de Elizabeth Bennet, a segunda de cinco filhas de um proprietário rural na cidade fictícia de Meryton, em Hertfordshire. Sua mãe, a senhora Bennet, tinha como objetivo de vida ver todas as filhas bem-casadas com homens ricos, sua definição de um bom casamento, independentemente dos sentimentos que elas pudessem ter por eles.

A narrativa começa quando o Sr. Bingley, que preenche todos os requisitos da senhora Bennet de um bom genro, muda-se para Netherfield Park, nas vizinhanças da família, levando com ele sua irmã Caroline e seu amigo Fitzwilliam Darcy, proprietário de Pemberley, em Derbyshire. Bingley e Jane, irmã mais velha de Elizabeth, logo se encantam um pelo outro, enquanto Lizzy, como é chamada carinhosamente pelo pai, detesta Darcy, taxando-o de antipático e orgulhoso após ele recusar suas tentativas de conversa. Mais tarde, ela o ouve dizer a Bingley que ela "é suportável, mas não bonita o bastante" para animá-lo a dançar.

Orgulho e Preconceito mostra que Fitzwilliam Darcy e Elizabeth Bennet, à primeira vista, não têm uma boa impressão um sobre o outro, levando-os a vários desentendimentos no decorrer do enredo, até se descobrirem errados. Inicialmente, Elizabeth demonstra interesse pelo Sr. Wickham, um oficial, e começa uma amizade com ele. Wickham conta a ela que é ligado desde a infância à família de Darcy, mas que não se dá bem com ele devido a desentendimentos com relação à herança do pai deste. Elizabeth acrescenta este entre os motivos para não gostar dele.

No entanto, durante uma viagem para visitar a amiga Charlotte, Elizabeth descobre que Darcy é responsável por separar Jane de Bingley sob a acusação de que sua família era inapropriada e, mesmo após ele declarar seu amor por ela e se mostrar disposto a ignorar sua condição social inferior, foi recusado veementemente.

Se meus sentimentos não se houvessem pronunciado contra você... se houvessem sido indiferentes ou até mesmo favoráveis, você acha que alguma coisa neste mundo poderia levar-me a aceitar o homem que arruinou, talvez para sempre, a felicidade de minha queridíssima irmã? [...] Fosse qual fosse a maneira de se declarar, eu jamais aceitaria a sua oferta. [...] um mês depois de já conhecer você, eu já sentia que você era o último homem do mundo com quem eu poderia ser convencida a me casar (AUSTEN, 2010, p. 155-156).

Darcy, então, escreve-lhe uma carta, explicando que o motivo pelo qual ele intercedeu no romance de Jane e Bingley foi por achar que ela não demonstrava corresponder aos sentimentos dele e, em mais de uma ocasião, suas irmãs mais moças e seus pais haviam sido inconvenientes. Na carta, ele também revela os motivos da sua inimizade com Wickham, que dissipara os bens concedidos pelo pai de Darcy em jogos e apostas, e depois o acusara de não ter entregado o dinheiro. Para se vingar, seduziu sua irmã, Georgiana, e a convenceu a fugir para, assim, ganhar sua mão e fortuna, abandonando-a quando o plano foi descoberto.

Em seguida, os eventos da história vão escalando até que Lydia, a mais nova das irmãs Bennet, viaja para Brighton no verão, onde o regimento de oficiais está acampado, e Elizabeth viaja pelo campo com os tios, o Sr. e a Sra. Gardiner. Durante o passeio, ela acaba visitando a casa de Darcy, Pemberley, e, inesperadamente, já que ele estava viajando, o encontra lá e, à medida que o tempo passa, a relação entre eles parece melhorar, uma vez que ele trata a ela e a seus parentes com cordialidade e até apresenta sua irmã a eles.

O rumo da obra muda no capítulo 46, quando Elizabeth recebe uma carta de sua irmã Jane, informando-a que Lydia havia fugido com Wickham e este não tinha a menor intenção de se casar com ela, o que provocaria a desgraça da família e arruinaria para sempre as chances de alguma das irmãs ter um casamento decente. Elizabeth, então, precisa voltar imediatamente para casa para ajudar no que for possível. Darcy, que estava presente no momento em que Elizabeth recebe a carta, também parte, sem que esta saiba, para tentar localizar o casal. O Sr. Gardiner, no entanto, intervém na situação; Lydia e Wickham se casam em Londres, onde estavam escondidos, e, após o casamento, visitam a família.

Durante a visita, Lydia deixa escapar que Darcy estava em seu casamento e que foi ele quem arcou com todas as despesas para convencer Wickham a se casar, deixando Elizabeth surpresa pelo fato de que foi ele o responsável por salvar a honra da família Bennet.

O final da história fica por conta de quem ler o livro ou assistir a uma de suas adaptações, em respeito àqueles que não gostam de spoilers⁹.

FIGURA 3 – Darcy pede Elizabeth em casamento



Fonte: Orgulho e Preconceito (1940)

Vale ressaltar que Orgulho e Preconceito possui várias adaptações, tanto para o cinema quanto para a televisão e o teatro, além de vários livros baseados na obra mais conhecida de Jane Austen. Para o cinema, são cinco obras no total, sendo quatro homônimas: a primeira é de 1940, dirigida por Robert Z. Leonard, estrelando Greer Garson e Laurence Olivier; a lançada em 2003, *Pride & Prejudice: A Latter-Day Comedy* (Orgulho e Preconceito: uma comédia dos dias atuais, em português), estrelando Kam Heskin e Orlando Seale, dirigida por Andrew Black e filmada na Universidade Mormon, na cidade de Provo, Utah; o ano de 2004 é da produção de Bollywood, *Bride & Prejudice*, a adaptação indiana já citada no trabalho, dirigida por Gurinder Chadha e estrelada por Aishwarya Rai Bachchan e Martin Henderson; em 2005, a obra homônima dirigida por Joe Wright, estrelando Keira Knightley e Matthew Macfadyen, que foi indicada em quatro categorias no Oscar, sendo uma

⁹ Do inglês spoil (estragar), spoiler refere-se a qualquer revelação sobre o conteúdo de uma série que talvez não fosse do conhecimento de todos os participantes de uma lista de discussão na Internet, “estragando a surpresa” (JENKINS, 2009a).

delas a de Melhor Atriz pela interpretação de Knightley; e, por fim, O Clube de Leitura de Jane Austen, lançado em 2007, dirigido por Robin Swicord. Este último não se trata realmente de uma adaptação, mas um filme que tem os livros de Austen como pano de fundo para o desenvolvimento das histórias dos personagens. Nele, Bernadette, personagem de Kathy Baker, sugere a criação do clube de livro "Sempre Austen o Tempo Todo", sobre os livros da escritora. Jocelyn, Allegra, Prudie, Sylvia e Grigg então aceitam fazer parte do clube, reunindo-se todo mês para discutir um dos livros de Austen.

Já entre as adaptações para televisão, sete entre dez produções foram feitas pela BBC (British Broadcasting Corporation). Apenas a adaptação homônima italiana de 1957, dirigida por Daniele D'Anza, a alemã *De vier dochters Bennet* de 1961, dirigida por Peter Holland, e *Lost in Austen*, de 2008, dirigida por Dan Zeff, não foram realizadas pela corporação britânica. As obras homônimas produzidas pela BBC – 1938, 1952, 1958, 1967, 1980 e 1995 – são, em sua maioria, séries de seis episódios, com exceção das obras de 1938, ainda em preto e branco e com duração de 55 minutos, e 1980, que conta com cinco episódios.

Outro fato é que as adaptações de 1952, 1958 e 1961 tiveram seu roteiro escrito por Cedric Wallis, sendo que as duas primeiras versões utilizaram o mesmo roteiro. A produção mais famosa da BBC, no entanto, foi a de 1995, dirigida por Simon Langton, com Jennifer Ehle e Colin Firth nos papéis de Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. A adaptação, com seis episódios de aproximadamente 55 minutos cada, é considerada a mais popular, pelo menos entre os ingleses. Uma enquête feita pela Radio Times em comemoração aos 200 anos do lançamento do livro de Jane Austen pedia ao público da rádio para que votasse no site e escolhesse os melhores personagens entre todas as adaptações para filme e TV. Colin Firth ganhou como melhor Sr. Darcy, com dois terços dos votos, enquanto Jennifer Ehle venceu como Lizzie Bennet, com 61%. Keira Knightley ficou em segundo lugar.

Em 2008, foi produzida uma série de quatro episódios chamada *Lost in Austen*. Dirigida por Dan Zeff, essa obra conta a história de Amanda Price (Jemima Rooper), uma grande fã dos livros de Jane Austen que, de repente, se vê no universo de *Orgulho e Preconceito*, no lugar de Elizabeth. A adaptação mais recente pela BBC é de 2013, *Death comes to Pemberley*, em parceria com a Origin Pictures. Dirigida por Daniel Percival, essa obra foi produzida a partir do livro publicado em 2011 por P. D. James, que é uma narrativa baseada em *Orgulho e Preconceito*. A história se passa seis anos depois dos acontecimentos do livro de Austen, e Elizabeth encontra-se bem instalada em Pemberley com Darcy e seus dois filhos. A família se prepara para o baile anual de outono, quando Lydia aparece

desesperada, clamando que Wickham foi assassinado, transformando-se em uma obra de suspense em três episódios.

Orgulho e Preconceito não escapa nem de virar mangá, história em quadrinhos japonesa. Em 2009, a mangaká¹⁰ Reiko Mochizuki lançou “Kouman to Henken”, inspirado tanto na minissérie da BBC de 1995 quanto no filme de 2004, protagonizado por Keira Knightley. No campo da Literatura, P. D. James não foi a única a utilizar Orgulho e Preconceito como inspiração. O romance de Austen também é base para vários outros trabalhos, que não são exatamente adaptações, listados no Quadro 1.

QUADRO 1 - Adaptações literárias de Orgulho e Preconceito

Autor	Livro	Ano de Publicação
Abigail Reynolds	• Impulse and Initiative	2007
	• From Lambton to Longbourn: A Pride & Prejudice Variation	2007
	• The Last Man in The World	2007
	• The Man Who Loved Pride & Prejudice: A Modern Love Story with a Jane Austen Twist	2007
	• Mr. Darcy's Undoing	2007
	• By Force of Instinct: A Pride & Prejudice Variation	2007
	• Mr. Darcy's Obsession	2010
	• A Pemberley Medley	2011
	• Mr. Darcy's Letter: A Pride & Prejudice Variation	2011
	• Mr. Darcy's Refuge: A Pride & Prejudice Variation	2012
	• Mr. Darcy's Noble Connections	2013
	• The Darcys of Derbyshire: A Pride & Prejudice Variation	2013
	• Pride and Prejudice: The Scenes Jane Austen Never Wrote	2013
Amanda Grange	• Mr. Darcy's Diary	2005
	• Mr. Darcy, Vampyre	2009
	• A Darcy Christmas: A Holiday Tribute to Jane Austen	2010
	• Wickham's Diary	2011
	• Darcy's Diary: Pride and Prejudice Through the Eyes of Mr Darcy	2011
	• Dear Mr. Darcy: A Retelling of Pride and	2012

¹⁰ Pessoa que faz mangás.

	- Prejudice • Pride and Pyramids	2012
Ann Herendeen	• Pride/Prejudice	2010
Carolyn Eberhart	Mr. Darcy's Christmas Carol	2012
Carrie Bebris	• Pride and Prescience: Or, A Truth Universally Acknowledged • Suspense and Sensibility, ou First Impressions Revisited • North By Northanger, ou The Shades of Pemberley • The Matters at Mansfield: Or, The Crawford Affair • The Intrigue at Highbury: Or, Emma's Match • The Deception at Lyme: Or, The Peril of Persuasion	2004 2005 2006 2008 2010 2011
Colleen McCullough	• The Independence of Miss Mary Bennet	2008
D. A. Bonavia-Hunt	• Pemberley Shades: A Lightly Gothic Tale of Mr. and Mrs. Darcy	1949
Diana Birchall	• Mrs Darcy's Dilemma	2004
Elizabeth Aston	• Mr. Darcy's Daughters; • The Exploits & Adventures of Miss Alethea Darcy • The True Darcy Spirit • The Second Mrs. Darcy • The Darcy Connection • Mr. Darcy's Dream • The Darcy Code • Mr. Darcy's Christmas	2003 2004 2006 2007 2008 2009 2012 2012
Emma Tennant	• Pemberley: Or Pride & Prejudice Continued • An Unequal Marriage: Or Pride and Prejudice Twenty Years Later • Pemberley Revisited	1993 1994 2005
Emma Thomas	• Fifty shades of Mr. Darcy – A Parody	2012
Frances Morgan	• Darcy & Elizabeth	1988
Helen Baker	• The Book of Ruth • Precipitation - A Continuation of Miss Jane Austen's Pride and Prejudice	2006 2010
Jane Dawkins	• Letters from Pemberley: The First Year • More Letters from Pemberley: 1814-1819	1999 2003
Janet Aylmer	• Darcy's Story	1996
Julia Barrett	• Presumption: An Entertainment	1993
Juliette Shapiro	• Excessively Diverted • Mr. Darcy's Decision	2002 2002
Kathryn L Nelson	• Pemberley Manor	2006
Linda Berdoll	• Mr. Darcy Takes a Wife • Darcy & Elizabeth: Nights and Days at Pemberley	1999 2003

	• The Darcys: The Ruling Passion	2011
Marsha Altman	• The Darcys & the Bingleys: A Tale of Two Gentlemen's Marriages to Two Most Devoted Sisters	2008
	• The Plight of the Darcy Brothers: A Tale of Siblings and Surprises	2009
	• Mr. Darcy's Great Escape: A Tale of the Darcys & the Bingleys	2010
	• The Ballad of Gregoire Darcy	2011
	• The Road to Pemberley: An Anthology of New Pride and Prejudice Stories	2011
	• Other Tales: Stories from The Ballad of Gregoire Darcy	2011
	• The Knights of Derbyshire	2012
	• Georgiana and the Wolf	2012
	• Young Mr. Darcy in Love	2013
	• The Chrysanthemum and the Rose	2013
Mary L. Simonsen	• Pemberley Remembered	2007
	• Searching For Pemberley	2007
	• The Perfect Bride for Mr. Darcy	2011
	• A Wife for Mr. Darcy	2011
	• Mr. Darcy's Bite	2011
	• Becoming Elizabeth Darcy	2011
	• A Walk in the Meadows at Rosings Park	2011
	• Darcy on the Hudson: A Pride and Prejudice Re-imagining	2011
	• For All the Wrong Reasons	2011
	• Mr. Darcy's Angel of Mercy: A Romance of The Great War	2011
	• Darcy and Elizabeth: The Language of the Fan	2012
	• Darcy Goes to War: A Pride and Prejudice Re-Imagining	2012
	• Mr. Darcy Bites Back	2013
	• When They Fall in Love	
Mary Street	• The Confession of Fitzwilliam Darcy	1999
Norma Gatje-Smith	• The Sequel to Jane Austen's "Pride and Prejudice": "Trust and Triumph"	2004
P.D. James	• Death Comes to Pemberley	2011
Rebecca Ann Collins	• My Cousin Caroline	2001
	• The Pemberley Chronicles	2008
	• Women of Pemberley	2008
	• Netherfield Park Revisited	2008
	• The Ladies of Longbourn	2008
	• Mr. Darcy's Daughter	2008
	• Postscript From Pemberley	2009
	• Recollections of Rosings: The acclaimed Pride and Prejudice sequel series	2010
	• The Legacy of Pemberley: The acclaimed	2010

	Pride and Prejudice sequel series • A Woman of Influence: The acclaimed Pride and Prejudice sequel series	2010
Seth Grahame-Smith	• Pride and Prejudice and Zombies	2009
Sharon Lathan	• Mr. & Mrs. Fitzwilliam Darcy: Two Shall Become One- Pride and Prejudice Continues	2007
	• Loving Mr. Darcy: Journeys Beyond Pemberley	2008
	• Darcys at Year's End	2008
	• My Dearest Mr. Darcy: An Amazing Journey into Love Everlasting	2010
	• In the Arms of Mr. Darcy	2010
	• My Dearest Mr. Darcy (Pride and Prejudice Continues)	2010
	• The Trouble with Mr. Darcy	2011
	• Miss Darcy Falls in Love	2011
	• Darcy Christmas	2012
	• The Passions of Dr. Darcy	2013
Shannon Winslow	• The Darcys of Pemberley: The Continuing Story of Jane Austen's Pride and Prejudice	2011
	• Return To Longbourn: The Next Chapter in the Continuing Story of Jane Austen's Pride and Prejudice	2013
	• Mr. Collins's Last Supper: A Short Story Inspired by Jane Austen's Pride and Prejudice	2013
Steve Hockensmith	• Pride and Prejudice and Zombies: Dawn of the Dreadfuls	2010
	• Pride and Prejudice and Zombies: Dreadfully Ever After	2011
Skylar Hamilton Burris	• Conviction: A Sequel To Jane Austen's Pride And Prejudice	2004
	• The Strange Marriage of Anne de Bourgh: And Other Pride and Prejudice Stories	2005
	• An Unlikely Missionary	2008
Ted Bader e Marilyn Bader	• Desire and Duty: A Sequel to Jane Austen's Pride and Prejudice	1997
	• Virtue and Vanity: Continuing story of Desire and Duty	2000

Fonte: A autora

Mesmo o teatro não conseguiu ser indiferente aos problemas das irmãs Bennet e ao romance de Elizabeth e Darcy. Várias versões foram produzidas desde 1906, quando Mary Keith Medbery Mackaye adaptou a obra, que também foi publicada em livro sob o título de *Pride and Prejudice, a Play*. Já 1936 foi o ano da peça criada por Helen Jerome e apresentada no St. James's Theatre, em Londres, estrelando Celia Johnson e Hugh Williams. Em 1959,

First Impressions foi uma versão musical da Broadway, estrelando Polly Bergen, Farley Granger e Hermione Gingold. O título é o mesmo que Jane Austen originalmente deu a sua obra, *First Impressions*.

Em 1995, mesmo ano da adaptação mais famosa da BBC, um álbum musical foi escrito por Bernard J. Taylor, com Peter Karrie no papel de Sr. Darcy e Claire Moore no papel de Elizabeth Bennet. Seguindo a onda dos musicais, em 2008, *Jane Austen's Pride and Prejudice, The New Musical* foi apresentado em concerto em 21 de outubro em Rochester, Nova Iorque, com Colin Donnell como Darcy. No Brasil, *Orgulho e Preconceito* foi encenado pelo Grupo Fora de Foco em 2011, durante o mês de julho, no Teatro Cultura Inglesa, na cidade de São Paulo. A adaptação foi de Rodrigo Haddad, com Elizabeth “Lizzie” Bennet interpretada por Alice Martins, enquanto Guilherme Magalhães foi o Sr. Darcy. Em 2012, foi a vez de Portugal. Um musical com base na obra de Austen ficou em cartaz de 30 de novembro até 29 de dezembro, no Centro Cultural da Malaposta em Odivelas. Nele, a história de Elizabeth acontecia nos dias atuais na família Barreto, com os mesmos conflitos do romance original.

O ano de 2013, no entanto, foi o que mais apresentou adaptações de *Orgulho e Preconceito* para o teatro em comemoração ao bicentenário do livro. A Annapolis Shakespeare Company, por exemplo, apresentou a adaptação de Jon Jory em abril, com os personagens principais sendo interpretados por Michael Ryan Neely (Mr. Darcy) e Caitlin McWethy (Elizabeth Bennet), em Maryland, Estados Unidos. Londres, Inglaterra, também teve sua apresentação neste ano durante os meses de junho e julho. A peça, adaptação de Simon Reade, foi encenada ao ar livre no palco do Regent’s Park. David Oakes é quem representa o Sr. Darcy, enquanto Jennifer Kirby é Elizabeth Bennet. Outra versão para o teatro em comemoração aos 200 anos da obra de Austen, adaptada por James Maxwell, foi apresentada em cinco de dezembro no Gate Theatre, em Dublin, na Irlanda. Os principais protagonistas são os atores Sam O’Mahony no papel de Mr. Darcy e Lorna Quinn como Elizabeth Bennet.

Tantas adaptações em tantas formas diferentes colocam em evidência o objeto de análise deste trabalho. *The Lizzie Bennet Diaries* é uma websérie em formato transmídia, iniciada em 2012 e concluída em 2013, produzida por Hank Green e Bernie Su. Nela, a personagem principal, Elizabeth Bennet ou só Lizzie, inicia um vlog homônimo à série, como parte de um trabalho de faculdade e passa a narrar os acontecimentos da sua vida e das pessoas a sua volta. Ela conta desde fatos do seu dia a dia até as relações amorosas das irmãs e os problemas da família.

FIGURA 4 – Lizzie fala sobre as irmãs e ela mesma



Fonte: The Lizzie... (2012-2013, s.p.)

Nessa adaptação de *Orgulho e Preconceito*, é possível ver que as irmãs Bennet e Charlotte são as personagens principais, já que o vlog, ao retratar o cotidiano de Lizzie, acaba mostrando sua relação com as pessoas mais próximas a ela e os acontecimentos de suas vidas. Eventualmente, Willian Darcy também se torna um personagem importante à medida que sua relação com Lizzie começa a aparecer mais e mais por meio tanto de suas interpretações teatrais, como quando ele passa a ser vista nos vídeos depois do episódio 59. Os outros personagens que aparecem no vlog, como Bing e Caroline Lee, George Wickham, Fitz, Gigi Darcy, Rick Collins ou até Mary Bennet, também fazem parte da vida de Lizzie, mas não tão diretamente como os outros e eles aparecem por fazerem parte dos acontecimentos que movimentam a vida dela, como a mudança de Charlotte para outra cidade a trabalho ou sua briga com Lydia e os eventos que resultaram desse afastamento das duas irmãs.

Cada episódio segue um formato de apresentação, em que Lizzie inicia os vídeos apresentando algum fato recente de sua vida e uma espécie de subtítulo para aquele dia, seguido da vinheta do vlog e do desenrolar dos fatos. Alguns episódios contam com a presença de outros personagens para ajudar a contar a história que não é vista em vídeo, por meio de teatros e fantasias. Em média, a cada dez vídeos, Lizzie faz um capítulo para responder às perguntas dos fãs. Ela cita o nome e a mídia (Tumblr, Facebook ou Twitter) para que o público possa verificar e incentivar as pessoas a enviarem suas questões. Lizzie ainda

faz diversas referências a outras obras de Jane Austen, tanto quanto a outras adaptações como o filme *Clube de Leitura* de Jane Austen e a série da BBC de 1995.

A partir disso, várias histórias paralelas foram criadas a partir da websérie, e também contas dos personagens nas mídias sociais como Twitter, Facebook, Tumblr e Google+. Além do canal de Lizzie, havia os canais de Lydia Bennet; Maria Lu; o canal Domino, com Gigi Darcy; e o canal do Sr. Collins, no Youtube, mostrando outros pontos de vista durante a narrativa principal. Dentro da história, também foram criadas páginas na internet e, entre elas, a da empresa Pemberley Digital. Inicialmente projetada para ser o correspondente contemporâneo da propriedade de Darcy no livro, a fictícia empresa de produções transmídia e adaptações. A empresa, que antes existia somente na história, agora é uma empresa real e se utiliza da evolução das tecnologias para contar histórias de uma maneira nova e integrada, em que os meios utilizados influenciam na narrativa.

A maneira como essa versão de *Orgulho e Preconceito* foi produzida incentivou o público a participar da história e a produzir material próprio. As páginas no Facebook *Socially Awkward Darcy* e *Todos merecem chá*, o vídeo da música *Lizzie Bennet's DVD (Accio Deathly Hallows Parody)*, ou mesmo um trabalho de conclusão de curso, no caso desta monografia, e um vlog que acompanhe esta produção, como *Tccendo Lizzie Bennet*, fazem parte do processo de transmediação. *Socially Awkward Darcy* inclusive disponibiliza uma lista com todas as mídias sociais e sites ligados ao processo, que pode ser visualizada no Anexo deste trabalho. Essa participação no processo é porque, quando os consumidores passam a perseguir os pedaços da história nas diferentes mídias, também se permite que a história tome rumos diferentes, como no caso da petição criada pelos fãs para que o “vilão”, George Wickham, fosse impedido de conseguir o que pretendia. Mesmo um ano depois de a websérie ter “terminado”, assim como o livro de Austen, a transmídia de *The Lizzie Bennet Diaries* ainda não acabou graças a essa movimentação do público.

Exposto o cenário das adaptações de *Orgulho e Preconceito*, no próximo capítulo, será apresentada a análise de como a transmediação, em *The Lizzie Bennet Diaries*, interferiu na maneira como a história é contada, em especial, a parte da fuga de Lydia, e como isso mudou o destino da personagem.

4 DESVENDANDO OS DIÁRIOS DE LIZZIE BENNET

A análise do corpus da pesquisa é feita a partir das propostas de Gambarato (2012) e Collaço e Ishida (2012) para o estudo de narrativas transmídia, mesclando-as como forma de obter uma resposta para a pergunta: “O que muda na narrativa de Orgulho e Preconceito quando sua história muda do meio impresso para a proposta transmídia?”. A primeira autora apresenta um modelo analítico com uma larga visibilidade dos projetos transmídia ao buscar por informações pertinentes e que possam facilitar o estudo devido ao alcance das questões e proposições. Assim, vários ângulos da narrativa de *The Lizzie Bennet Diaries* podem ser observados, já que se trata de experiências midiáticas inter-relacionadas e integradas que ocorrem em várias mídias, nas quais múltiplas histórias são contadas em múltiplas plataformas que, juntas, contam uma história universal atraindo o engajamento da audiência.

Já no caso dos outros autores, sua metodologia é utilizada por se tratar de uma esquematização gráfica do desenvolvimento das narrativas transmídia. O esquema é feito a partir da utilização de dados como a Narrativa Lacunar, Identificadores e Intensificadores, para construir um gráfico com linhas do universo narrativo, linhas de histórias e cruzamento de mídias da narrativa analisada. Essa proposta é interessante considerando o vlog feito pela autora desta monografia, que será integrado ao processo de análise transmidiática, como uma nova forma de análise de adaptações para narrativa transmídia, por meio da participação no processo de cultura participativa que Jenkins (2009a) conceitua.

A utilização conjunta dessas propostas constitui uma tentativa de descobrir as mudanças provocadas na narrativa da obra *Orgulho e Preconceito* no âmbito de sua adaptação a uma proposta transmídia. O objetivo é aprofundar os conceitos de vlog, transmídia, spin-off e cibercultura e mostrar que diferenças ocorrem na narrativa das duas obras e em outras produções presentes no processo de transmediação em questão. O período analisado é do episódio 84 ao episódio 88 da série *The Lizzie Bennet Diaries*, divulgados no período entre 31 de janeiro de 2013 e 14 de fevereiro de 2013 no canal no Youtube com o nome da série e o período correspondente no livro e outras adaptações. Além disso, são observadas as atividades das contas oficiais da websérie e dos personagens nas mídias sociais Twitter, Facebook, Tumblr e Google+, assim como a participação dos fãs e páginas feitas por eles. O vlog *Tccendo Lizzie Bennet* e as discussões por ele levantadas também entram como objeto de

estudo neste trabalho. Isso é para que se possa apresentar como o formato transmídia permite a interação do público com a história e o que isso provoca, além de descobrir como a participação do público faz parte da construção da história e, por fim, aprofundar os conhecimentos em metodologias de análise transmídia.

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa aplicada para gerar conhecimentos sobre as adaptações transmidiáticas e suas implicações na maneira como uma obra é conhecida. Assim, descrevemos as características da amostra do livro e da websérie e relacionamos os pontos distintos e os comuns para estabelecer quais as variantes do processo de adaptação da narrativa. A pesquisa também é documental, pois “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 45) e as fontes utilizadas são os próprios produtos a serem analisados. Ou seja, analisamos o livro *Orgulho e Preconceito*, a websérie e os produtos relacionados a ela e que fazem parte da construção da história perante o público.

A pesquisa também se constitui como experimental com relação ao vlog produzido pela autora para integrar o processo de análise, pois, ao determinar o objeto de estudo, foram selecionadas as variáveis e as formas de controle para que se pudesse observar os efeitos que as variáveis produzem. Isso quer dizer que, dentro da escolha de analisar a transmediação presente em *The Lizzie Bennet Diaries*, o vlog da autora é também um fator de análise devido a suas características de manipulação dos elementos levantados no vlog, o controle de um grupo específico de participantes, que atuam comentando e discutindo sobre o tema do objeto, e de distribuição aleatória, já que as escolhas dos elementos abordados no vlog ficam a critério da autora.

4.1 Respondendo Gambarato

A partir desses levantamentos, cabe ressaltar que *The Lizzie Bennet Diaries* é uma adaptação de *Orgulho e Preconceito* no formato de websérie em vlog para o Youtube, que centra-se na história de Lizzie e sua relação com as irmãs, Jane e Lydia. Ao trazer *Orgulho e Preconceito* para os tempos atuais, o propósito era trazer os personagens para o mundo real ao invés de simplesmente contar a história de Elizabeth e Darcy. Um dos pontos que Gambarato (2012) questiona é o tempo utilizado nos projetos transmídia e no caso de TLBD, os criadores

da websérie adequaram-na também ao tempo cronológico, tornando-a mais verídica, pois o público podia acompanhar a movimentação para o Dia de Ação de Graças em novembro, com os episódios 65, 66 e 67 - Turkey Days, Giving Thanks e Back Home Again, respectivamente - e o Natal em dezembro, com os episódios 71 e 75 - Mr. Bennet's Christmas Train Extravaganza e Merry Christmas, respectivamente. À medida que os problemas com Lydia se desenvolviam, o Dia dos Namorados, comemorado em 14 de fevereiro nos Estados Unidos, também foi mencionado no episódio 88, Okay (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p).

Neste sentido, o vlog apresenta não só o entretenimento ao se assistir a uma websérie, mas também mostra indiretamente alguns costumes em relação aos feriados e datas comemorativas do local em que a obra foi ambientada, bem como outros hábitos. O tempo da narrativa, então, é uma parte importante de como público se envolve com a websérie. Sousa (2012, p. 39) explica que o tempo da história e o tempo do discurso são diferentes, em que “o tempo da história consiste na ‘sucessão cronológica de eventos susceptíveis de serem datados com maior ou menor rigor’, ao passo que o ‘tempo do discurso pode ser entendido como consequência da representação narrativa do tempo da história’ (Reis & Lopes, 2007: 406 e 408)”.

FIGURA 5 – O começo da transmediação em The Lizzie Bennet Diaries



Fonte: The Lizzie... (2012-2013, s.p.)

FIGURA 6 – O outro lado no Twitter



Fonte: Lizzie... (2013, s.p.)

O processo de transmediação começou logo no primeiro episódio de *The Lizzie Bennet Diaries*. Enquanto Lizzie e Charlotte apareciam pela primeira vez em vídeo, apresentando a websérie, Bing Lee, Caroline Lee e William Darcy conversavam pelo Twitter sobre a compra de uma casa próxima à da família Bennet por Bing. Com isso, a websérie se constitui um projeto de transmídia pró-ativo por ser avançado, ou seja, cheio de ligações desde o começo (GAMBARATO, 2013). Desde o primeiro episódio, os personagens começaram a ser apresentados em diferentes mídias sociais e abordagens, amarrando cada parte à outra, de forma que, se o público quisesse aprofundar-se na história, essa possibilidade existiria.

Ao comparar o tempo em que as duas produções foram feitas, é possível ver como alguns preceitos mudaram nos 200 anos de diferença entre as obras, como a mudança de cinco para três irmãs Bennet ou como o casamento não é mais a única opção de “salvação” para uma mulher. No vlog, as irmãs e Charlotte são mulheres independentes em busca da autonomia financeira e realização pessoal, seja por meio dos estudos ou do trabalho. TLBD foca principalmente no ponto de vista de Lizzie, já que o vlog é narrado por ela, com algumas participações dos outros personagens. O nosso conhecimento deles, então, fica limitado a suas aparições ou aos teatros encenados para melhor exemplificar as situações que ocorrem longe

da câmera. Outra forma de contato são as contas dos personagens nas redes sociais ou no canal do Youtube no caso de alguns deles, como Lydia, Maria Lu, Rick Collins e Gigi Darcy, enriquecendo a experiência do público, pois ao interagir com os personagens e com a história, proporcionam ainda mais veracidade, criando um vínculo com a audiência graças à maneira com que o enredo é apresentada.

Na história de Austen, a família Bennet corre o risco de cair em desgraça quando Lydia, a caçula, foge com George Wickham, soldado do regimento inglês, sem se casar com ele. No início do século XIX, isso era considerado um escândalo, mas não no século XXI, tornando necessário mudar a narrativa em *The Lizzie Bennet Diaries* para que fizesse sentido. Neste caso, Lydia ainda se envolve com Wickham, mas é enganada por ele para consentir que ele filmasse os dois fazendo sexo. Então, ele vende os direitos da filmagem para uma empresa, que monta um website para pedidos da fita, onde é possível ver a “estrela do Youtube Lydia Bennet revelar tudo”. Essas mudanças são explicadas pela diferença entre história e enredo.

David Bordwell descreve uma história como uma casual série de eventos cronológicos, por assim dizer todos os acontecimentos em sua ordem linear original. Primeiro acontece A, depois B e C. O enredo, pelo contrário, é definido como a ordem e a duração dos eventos como eles são apresentados a nós. Isso significa: informação e partes da história podem ser deixadas de fora ou mesmo mudados nesta apresentação (FUTURE, 2013, s.p., tradução nossa).

O público de TLBD são os fãs da obra mais popular de Jane Austen, o que se justifica pelo fato de que mesmo depois de 200 anos, ainda se trata de um produto que vende e neste caso, são atraídos para a websérie, os usuários de internet que acessam o Youtube e gostam de vídeos no formato de vlogs como opção de entretenimento. Os números de visualizações do canal – 42,5 milhões – mostram que a adaptação modernizada para um formato transmídia atrai o público e o cativa, criando e mantendo um vínculo com a audiência.

O Youtube é a principal mídia utilizada, na qual Lizzie conta sua história enquanto chama os espectadores a interagir por meio das mídias sociais como Twitter, Facebook, Tumblr, Google+, Lookbook¹¹, LinkedIn¹², Okcupid¹³, GetGlue¹⁴, ThisIsMyJam¹⁵, além dos

¹¹ Comunidade on-line centrada em torno de fotografia de estilo pessoal, que permite aos membros publicar e compartilhar looks, bem como se inspirarem na moda de outros membros. Disponível em <<http://lookbook.nu/>> (LOOKBOOK, 2008-, s.p)

sites oficiais tanto da websérie quando de outros assuntos ligados à história, como os sites da Pemberley Digital, da Collins and Collins ou da fita de Lydia. Cada uma dessas plataformas ajuda a construir o mundo da história e aprofundá-lo, pois é possível ver outros pontos e ângulos da narrativa. Enquanto o Youtube é a mídia que nos apresenta a história, as outras funcionam como suporte, mostrando os desdobramentos da narrativa e partes que estão fora dos vídeos e construindo cada personagem a partir da maneira como eles interagem entre si e com o público. O site e o Twitter da Novelty Exposures, por exemplo, servem para dar veracidade à ideia de que há realmente uma fita em que Lydia aparece fazendo sexo com Wickham e o contador de dias que faltam até o lançamento dela coloca o público aflito com o que acontecerá.

FIGURA 7 – Página inicial da Novelty Exposures



Fonte: TheIbdoofficial Tumblr (2012-2013, s.p.)

Um dos questionamentos de Gambarato (2012) é sobre os tipos de plataformas de mídia envolvidos no projeto, que também são evidenciados na esquematização gráfica feita a

¹² Rede que conecta profissionais do mundo todo, tornando-os mais produtivos ao dar acesso às pessoas, vagas, notícias, atualizações e insights que ajudam na profissão. Disponível em <<http://www.linkedin.com/>> (LINKEDIN, 2003-, s.p.)

¹³ Site de encontros grátis. Disponível em <<http://www.okcupid.com/>> (OKCUPID, [20--], s.p.)

¹⁴ Aplicativo sobre TV, filmes e esportes, agora conhecido como TvTag. Disponível em <<http://tvtag.com/>> (TVGAG, 2008-, s.p.)

¹⁵ Comunidade de compartilhamento de músicas. Disponível em <<https://www.thisismyjam.com>> (THISISMYJAM, [20--], s.p.)

partir da proposta de Collaço e Ishida (2012), apresentada no próximo item deste trabalho. O gráfico, que pode ser visualizado na página 54, integrado ao processo de análise transmidiática, ajuda a responder essas perguntas que a primeira autora trabalha em sua proposta de análise de adaptações para narrativa transmídia, pois permite uma identificação visual de como as linhas do universo narrativo, das histórias e das mídias se cruzam.

Assim, cada plataforma de mídia tem suas características e sua importância na divulgação da história, sendo os vídeos no Youtube o que permite a identificação das pessoas com a história a partir do momento em que o formato de vlog coloca Lizzie em primeiro plano, como uma pessoa real que está ali para dividir suas experiências com aqueles que visualizarem o canal, o que, segundo Raun (2010, p. 90), convida ao engajamento, pois a câmera se torna “um veículo de comunicação e conexão social usado para chamar a atenção de uma forma que se assemelha à interação cara a cara”. As mídias sociais incorporadas à história também têm essa função de atrair as pessoas para participarem, dando a elas uma nova forma de acompanhar uma narrativa. O co-criador de *The Lizzie Bennet Diaries*, Bernie Su, diz-se orgulhoso especialmente dos fãs, já que “a paixão deles e o entusiasmo permitiram que o show fosse percebido como mais do que apenas um show de ‘uma garota bonita com uma câmera’, mas como uma adaptação que foi colocada entre as melhores” (LIZZIE, 2013, s. p., tradução própria).

Além da participação dos fãs, o que mais muda na narrativa? David Bordwell (apud FUTURE, 2013, s.p.) define o enredo como a ordem e a duração dos eventos como são apresentados para nós. Isso quer dizer que não é preciso seguir necessariamente uma ordem. Os fatos podem ser apresentados de formas diferentes e nem todos fazem parte do roteiro. No caso de TLBD, a série segue o curso do tempo, mas, muitas vezes, os fatos que aparecem no livro e não em vídeo são apresentados por Lizzie na forma de teatro. Assim como os spin-offs são para contar histórias paralelas dos personagens. Darcy, por exemplo, só é mostrado depois da metade da história, sendo que, antes disso, Lizzie e suas irmãs interpretam para o vlog as cenas em que ele aparece no livro. Durante o período analisado, o spin-off Domino mostra o personagem Darcy em um período no qual, no livro, ele não aparece, complementando a narrativa original da história, cuja estrutura é em três atos: começo, meio e fim.

Nessa estrutura, há a apresentação dos personagens e da situação, que se desenvolve até a chegada do clímax, quando os problemas ou perigos apresentados na história são resolvidos ou não, de acordo com o fim que se quer dar à narrativa. Em *The Lizzie Bennet Diaries*, as personagens são apresentadas por Lizzie, narradora-observadora devido ao formato de vlog, utilizado para desenvolver a narrativa. Em *Orgulho e Preconceito*, o narrador

é onisciente, não fazendo parte da obra, mas sabendo os pensamentos e sentimentos apresentados pelos personagens, apesar de seguir predominantemente a perspectiva de Elizabeth.

É interessante observar que, na situação em que Lydia foge de casa, não se pode acompanhar seu progresso ou entender como sua relação com Wickham se formou, deixando esse lado da história em aberto, algo que, na adaptação, foi preenchido pelo spin-off de Lydia, em que ela faz os seus vídeos quando não está na presença de Lizzie. Em *Orgulho e Preconceito*, apesar de a relação entre as duas irmãs não ser próxima, o contexto que levou a mais nova a seus atos em cada uma das obras é bem diferenciado. Na obra de Austen, Lydia, mesmo após o casamento, “continuava a mesma; incorrigível, rebelde, selvagem, barulhenta e temerária” (AUSTEN, 2010, p. 245). Enquanto isso, em TLBD, sua personagem, igualmente enérgica, passou por grandes transformações, em especial após seu desentendimento com Lizzie, o que culminou no seu envolvimento com Wickham e na crise que se iniciou no episódio 84 (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p), quando vem à tona que o rapaz vendeu a fita de sexo entre o casal.

Nos episódios seguintes, o que se pode ver é a maneira como as três irmãs estão lidando com a situação, enquanto tentam entrar em contato com Wickham, mas sem sucesso. Neste ponto, a relação entre Lizzie e Lydia, que não se falavam desde o Natal, começa a se modificar e as duas passam a conversar e buscam se entender. Jane chega a sugerir que Lizzie que assista aos vídeos da irmã mais nova, pois é uma forma de perceber como a comunicação entre elas estava prejudicada, e que, apesar de Lydia escutar, de certa forma, o que as irmãs falavam para ela, o mesmo não podia ser dito das outras duas e que esse era um dos motivos de as coisas terem tomado o rumo que tomaram (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p).

Apesar de não ser necessário assistir aos vídeos para entender a história, a fala de Jane no episódio 86, *Sisterly Support*, é um convite para que as pessoas possam imergir na narrativa e ver como as coisas se desenrolaram para Lydia nos momentos em que ela não aparecia em TLBD (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p). Isso entra no conceito de narrativa transmídia de Jenkins (2009a), pois os consumidores são incentivados a perseguir os pedaços da história nas diferentes mídias para ter uma experiência mais completa da imersão no conteúdo. Ao perguntar para Lizzie se ela já assistiu aos vídeos de Lydia, Jane deixa subentendido que é importante vê-los para compreender e melhorar a forma como ela é vista, tanto por sua irmã quanto pelo público. Os fatos que antes ficaram obscuros na obra original passam a ser abordados, tentando responder às perguntas do público sobre como Lydia verdadeiramente é, além do que a irmã pensa dela.

Outro ponto que vale ressaltar é que, enquanto na obra de Austen, os locais em que se passa a história são variados e até mesmo amplos, o espaço da adaptação de Green e Su é mais limitado. Enquanto elemento narrativo da websérie, o espaço no qual o vlog geralmente é filmado trata-se de um cômodo onde Lizzie possa ter mais privacidade para falar com a câmera, mesmo que, ao longo da história, ela seja constantemente interrompida por outras pessoas. Durante boa parte dos episódios, o local principal das filmagens é o quarto da personagem principal, mudando apenas quando é obrigada a passar um período maior de tempo fora de casa, como quando ela precisou ficar na casa de Bing Lee (episódios 27 a 34), durante a visita ao trabalho de Charlotte (episódios 51 a 66) ou quando estava em São Francisco (episódios 77 a 84), acompanhando Pemberley Digital para o seu trabalho final da faculdade (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p). Entre esses três momentos, os principais eventos ou desafios que o público acompanha durante a narrativa são a declaração de Darcy e a crise de Lydia, enquanto Lizzie se esforça para se firmar na vida adulta enquanto termina a faculdade.

Diante do exposto sobre o formato utilizado para a produção da websérie, o vlog, é interessante apontar que muitos dos personagens secundários acabaram não aparecendo ou tiveram sua participação modificada. Apesar de Lizzie falar sozinha com a câmera na maioria das vezes, alguns episódios contam com a presença de outras pessoas participando e auxiliando a contar partes da história que não são vistas em vídeo. Outro recurso utilizado para enfatizar que TLBD é sobre o ponto de vista de Lizzie, já que o vlog é narrado por ela, é o teatro com fantasias encenado por ela e, algumas vezes, por outros participantes do vídeo, exemplificando essas situações que ocorrem longe da câmera.

A estratégia de fazer vídeos de perguntas e respostas e citar o nome de quem mandou a pergunta e a mídia (Tumblr, Facebook ou Twitter) utilizada para que o público, não só o chama a participar por meio das mídias sociais, como faz a informação da websérie circular e ser discutida, atraindo mais gente, remontando à cultura participativa e exemplificando o que Recuero (2010, p.15) diz sobre como as “redes sociais se tornaram a nova mídia, em cima da qual informação circula, é filtrada e repassada; conectada à conversação, onde é debatida, discutida e, assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses das coletividades”.

O que Barbosa (2012) complementa sobre a utilização desses meios para investir em um público de nicho, aumentando a competitividade do mercado, já que todos têm a possibilidade de produzir, como no formato de vlog, também é exemplificado pelo fato de Lydia produzir seu vlog, assim como Maria Lu e o senhor Collins também o fazem. Aliás, mesmo que The Lizzie Bennet Diaries já se tenha encerrado em abril de 2013, o spin-off da

Collins and Collins continua ativo, com seu vídeo mais recente tendo sido divulgado em dezembro de 2013.

A partir desta reflexão, pode-se ressaltar que as extensões têm a capacidade de espalhar o conteúdo e fornecer a possibilidade de explorar a narrativa em profundidade, pois, as pessoas nas mídias sociais, principalmente as que conhecem *Orgulho e Preconceito*, poderiam ser atraídas pelos nomes dos personagens e, a partir dali, se sentirem curiosas para investigar o que significa aquilo. As páginas de Lizzie e Charlotte, em especial, também divulgavam quando saía um novo vídeo, chamando o público que as seguia para ver sobre o que era aquele produto, conhecendo, por fim, a websérie e, caso se interessasse, seus desdobramentos. No total, *The Lizzie Bennet Diaries* possui cinco canais no Youtube, cinco sites oficiais, seis páginas no Facebook, 17 contas no Twitter, sete contas no Tumblr e em outras mídias sociais, totalizando mais de 40 perfis nas redes sociais.

Cada extensão levanta novas questões, como por exemplo, sobre o porquê de outros personagens também não possuírem vlog, abrindo novas possibilidades de expansão adicionais, já que, a partir do momento em que os fãs podem interagir com os personagens pelo Twitter, há a curiosidade de vê-los desabafarem sobre seus pontos de vista quanto aos acontecimentos narrados por Lizzie. Como é a mãe de Lizzie? O que Darcy pensou de seu primeiro encontro com Lizzie? O que ele pensou ou sentiu após a rejeição de Lizzie? O que aconteceu após ele ter localizado Wickham por meio do aplicativo Domino? Como foi que Lizzie e Fitz se conheceram? Apesar de as extensões de TDLB buscarem responder a algumas perguntas, como o desenvolvimento do relacionamento de Lydia e Wickham ou como a busca de Darcy por Wickham para resolver o problema, vários outros pontos também foram deixados em aberto, dando espaço para que a história possa continuar por outros meios, sem deixar de ser fiel ao mundo da história.

Todas as viagens de Lizzie, e também a de Lydia, que culminou na crise enfrentada pela família Bennet, tanto em 1813, quanto em 2013, foram retratadas na websérie, sendo apenas adaptadas ao espaço em que foram ambientadas, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Bernie Su, na página oficial de *The Lizzie Bennet Diaries* (LIZZIE... 2013, s. p.), localiza a casa da família em algum lugar ao norte de Los Angeles e ao sul de San Jose, levando a diversidade cultural do estado para a história ao colocar os irmãos Bing e Caroline Lee como asiáticos, misturando o mundo fictício com o mundo real. Ao fazer isso, amplia o mundo da história, já que cidades como Chicago e Las Vegas são incluídas na narrativa, uma vez que é muito mais fácil viajar no mundo atual.

O ambiente de *Orgulho e Preconceito* já estava desenvolvido para a adaptação, de certa forma. O que era preciso fazer era trazer os personagens para o século XXI e desenvolvê-los para sustentar a história no tempo atual. As personagens que, no livro, eram secundárias, agora fazem parte da história de maneira importante, pois influenciam na construção da personagem principal e nas ações dela de forma mais visível. Dessa perspectiva, salienta-se o que McLuhan (1974) coloca sobre os meios sendo responsáveis por como a mensagem é enviada e recebida, pois, quando os meios evoluem, a mensagem também o faz.

Se as maneiras de passarem essa mensagem mudam, como por exemplo, a passagem da oralidade para a escrita, para o cinema, o rádio, a televisão e, por fim, a internet, a mensagem também o faz. No caso de *The Lizzie Bennet Diaries*, o tipo de mudança que as tecnologias provocam na narrativa e nas relações do público com as personagens é importante, pois altera a relevância destes na adaptação. As mídias sociais, que Recuero (2010) define como um fenômeno complexo mais participativo e mais rápido, fazendo a informação circular e ser discutida, tornam-se um desafio na hora de construir um mundo mais real para o público, como Jenkins (2009a) diz.

Cada vez mais, as narrativas estão se tornando a arte da construção de universos, á medida que os artistas criam ambientes atraentes que não podem ser completamente explorados ou esgotados em uma única obra, ou mesmo em uma única mídia. O universo é maior do que o filme, maior, até, do que a franquia – já que as especulações e elaborações dos fãs também expandem o universo em várias direções. (2009a, p.161-162)

Mesmo esses personagens secundários de *The Lizzie Bennet Diaries* têm algo a acrescentar à história de Lizzie e, por essa razão, quatro spin-offs foram criados para complementar a websérie. Vale ressaltar que spin-offs são produtos resultantes de outro já existente, ou seja, eles complementam uma história que já foi contada. Aqui, além da história principal, o público tem a opção de aprofundar seus conhecimentos e mesmo sua participação no enredo, conhecendo outros personagens que aparecem mais e apresentam um desenvolvimento que não era visto antes.

O canal *The Lydia Bennet*, por exemplo, mostra o contexto de sua evolução até o momento em que foi utilizado como corpus deste trabalho, ressaltando que, no livro, quando Lydia foge de casa, não se pode acompanhar o progresso dela ou entender como sua relação com Wickham se formou, deixando esse lado da história em aberto, algo que, na adaptação, foi preenchido pelo canal de Lydia, em que ela faz os seus vídeos quando não está na

presença de Lizzie e após a briga delas. Quase seguindo a mesma linha, *Maria of the Lu* também se trata de um spin-off criado para mostrar uma personagem brigada com Lizzie. Neste caso, Charlotte Lu. Por meio dos vídeos produzidos pela irmã, como atividade do estágio na empresa Collins and Collins, é possível visualizar como Charlotte está sentida com a amiga e como Maria interfere, de certa forma, para que as duas façam as pazes.

Os outros dois spin-offs de *The Lizzie Bennet Diaries* são produtos que, supostamente, deveriam ser menos pessoais, por estarem ligados às duas empresas mencionadas na história. *Better living with Collins and Collins* é uma série de vídeos sobre como resolver problemas relacionados às novas mídias e instruções com projetos de vídeos. Já *Domino* seria um conjunto de vídeos demonstrativos da mais nova ferramenta desenvolvida pela Pemberley Digital, conduzidos por Gigi Darcy. No entanto, esse spin-off acabou mostrando a busca dos irmãos Darcy e de Fitz por Wickham para impedi-lo de liberar a fita de sexo com Lydia, um ponto que não foi abordado no *Orgulho e Preconceito*.

Uma questão que Gambarato (2012) levanta sobre o desenvolvimento dos personagens é se o mundo da história pode ser considerado um personagem principal; levando em consideração o vlog de Lizzie e os desdobramentos que ele causou na vida das pessoas mais próximas a ela, percebemos que o mundo da história em si não pode ser considerado um personagem. O que realmente faz diferença na narrativa é o meio que ela utiliza, pois, ao fazer uso do vlog, a personagem demonstra consciência de que está sendo visualizada por outras pessoas e espera ter algum retorno ao desabafar sobre as situações que vive e buscar soluções para problemas do dia a dia, influenciando no seu comportamento e daqueles que também aparecem no canal.

É importante ressaltar que, graças aos spin-offs e aos perfis nas mídias sociais, as pessoas têm a oportunidade de visualizar vários pontos de vista da narrativa, em que todas as mídias utilizadas na produção da websérie permitem a interação e participação do público no projeto e com os personagens. Isso quer dizer que o projeto não só convida o público a se engajar na história, como os incentiva a buscar o livro *Orgulho e Preconceito*, bem como outras adaptações e outras obras de Jane Austen, pois as referências feitas nos vídeos chamam a atenção do público para o que significam e como isso pode complementar a imersão no mundo da história. Uma das possibilidades é que as pessoas iniciem vlogs próprios, como fizemos para acompanhar o desenvolvimento deste trabalho, e outra é o engajamento do público com a situação de Lydia. Após ser divulgado no Twitter oficial de *The Lizzie Bennet Diaries* que a fita de sexo de Lydia era real, assim como a contagem para sua liberação, os fãs da websérie fizeram um abaixo-assinado para que a fita não fosse liberada.

FIGURA 8 – Petição contra a fita de Lydia



change.org Start a petition Browse Search Log in

The Lizzie Bennet Diaries Episode 84 Ugh

Petitioning George Wickham ▾

Stop him from releasing the Lydia Bennet Tape

Sign this petition
with 83 supporters
17 NEEDED

First Name
Last Name
Email
City
Why is this important to you? (Optional)

Sign →

☒ Display my signature on Change.org
By signing, you accept Change.org's [terms of service](#) and [privacy policy](#).

Fonte: Change.org (2013, s.p.)

O canal da personagem principal é apresentado em plano médio, com a câmera sempre parada e Lizzie sentada no meio, mudando de posição apenas quando mais pessoas precisam dividir o espaço para aparecer nas filmagens, ou ela está interpretando pessoas diferentes durante o teatro, com vídeos apresentando em média quatro minutos de duração. Essa característica, outros erros e o comportamento de Lizzie em frente à câmera tornam a aparência do ambiente mais realista, explicado por Charlotte no oitavo episódio de TLBD (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p.). Seguindo essa lógica, o vlog também não conta com nenhum outro áudio a não ser o som ambiente e a música da vinheta. O canal de Lydia é ainda mais realista, pois, como a personagem não tem nenhum talento com edição, seus vídeos não apresentam cortes e, nos primeiros episódios, a “música de encerramento” era improvisada pela personagem.

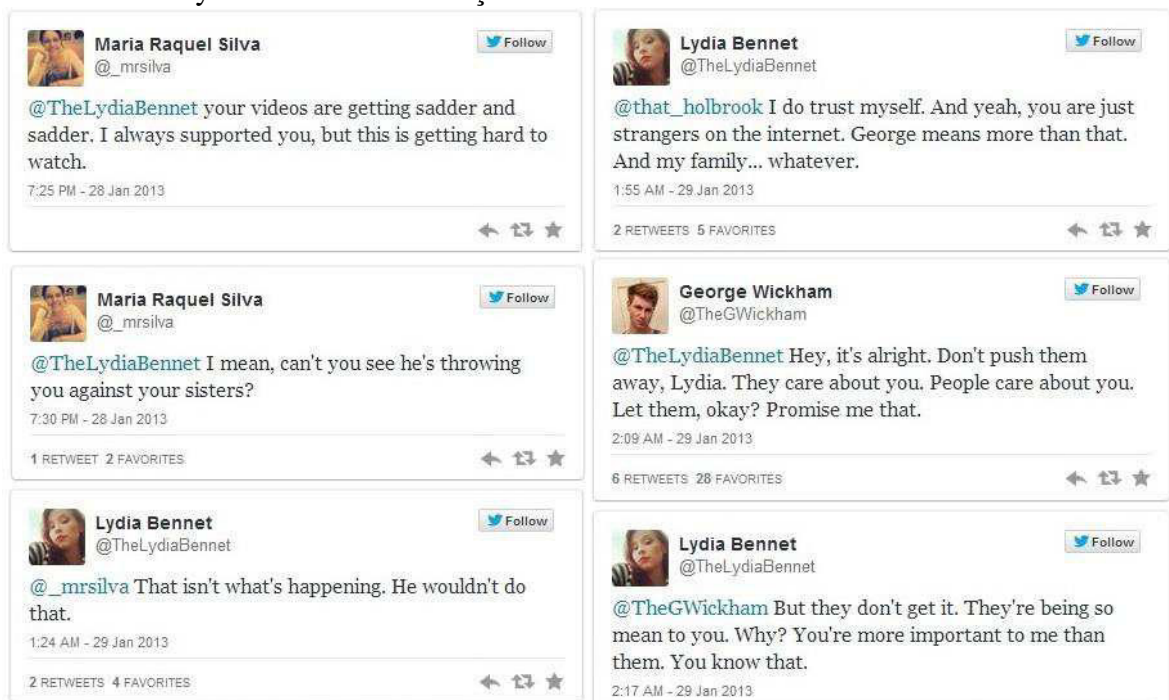
No Twitter, os personagens estão contando a história por meio de suas ações e, no Youtube, as pessoas ficam sabendo da compra da casa por meio de Lydia, que aparece de repente na cena, proporcionando mais veracidade aos fatos, pois é possível observar o mesmo acontecimento por pontos de vista diferentes. Isso se repete várias vezes durante a websérie, em especial durante os episódios que constituem o corpus desse trabalho, pois não somente se pode observar o ponto de vista de Lizzie, com o vlog, mas também a construção da relação de Lydia com Wickham até a divulgação da venda da fita de sexo e a resolução do problema graças aos Darcy.

FIGURA 9 – Demonstração do Domino



Fonte: Domino (2013, s.p.)

FIGURA 10 – Lydia comenta sua relação com Wickham



Fonte: Lizzie... (2013, s.p.)

Outro ponto levantado por Gambarato (2012) é a classificação do projeto. No caso de The Lizzie Bennet Diaries, trata-se de uma experiência transmídia complexa por ter características tanto de uma franquia transmídia como de transmídia portmanteau. Integrar um

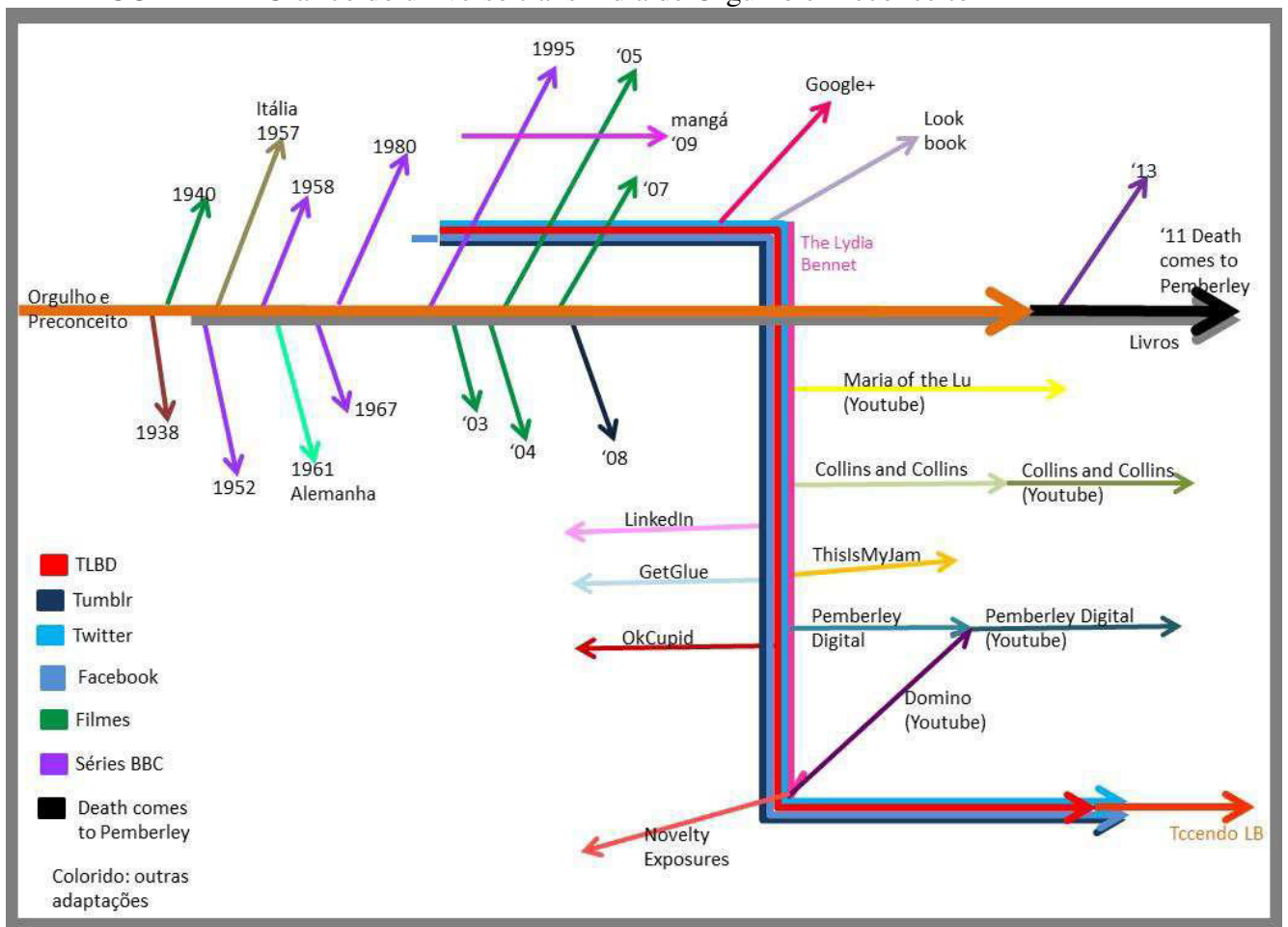
conjunto de histórias individuais que fazem parte do mundo de *Orgulho e Preconceito*, inclusive citando outras dessas histórias durante sua narrativa, é o que a caracteriza como franquia transmídia. No entanto, a maneira como a websérie é estruturada, com pedaços da narrativa distribuídos por várias mídias, incentivando o público a procurar tais fragmentos e a participar por meio das mídias sociais, permite a imersão na história que caracteriza uma transmídia portmanteau.

O que é cada uma dessas classificações? Gambarato (2013) explica cada uma delas. Franquia transmídia é quando uma série de produtos em uma única plataforma existe de forma que as plataformas são independentes, mas eles costumam cobrir partes diferentes da narrativa, como o tempo antes da série principal, depois dela, flashbacks ou outra forma que interfere na ordem em que os produtos são lançados. Jenkins (2009a) aborda esse conceito e usa como exemplo a franquia *Matrix*, em que, entre os filmes, outros materiais eram lançados, contando histórias paralelas ou mesmo o que acontecia entre um filme e outro. Já uma transmídia portmanteau trata-se de um modelo em que várias plataformas contribuem para uma única experiência, em que o conteúdo da narrativa é distribuído em partes, ainda contribuindo para o entendimento da obra, como a série *Castle* e os livros escritos pelo personagem da série e que existem impressos. Por fim, uma experiência de transmídia complexa consiste em um produto que possui as características das duas outras formas de transmídia, como *The Lizzie Bennet Diaries*.

4.2 Visualizando a transmídia com Ishida e Collaço

Essa classificação e suas implicações podem ser melhor visualizadas no gráfico transmídia elaborado com base nos conceitos aplicados por Ishida e Collaço (2012). O gráfico (Gráfico 1) além de mostrar como TLBD faz parte do mundo da obra de Jane Austen, leva em consideração a estruturação do universo narrativo da websérie, em que as pessoas são convidadas a buscarem outras partes da narrativa, como, por exemplo, a partir da demonstração de Domino, procurar saber mais sobre George Wickham e, conseqüentemente, Lydia Bennet, a partir de como as mídias reinterpretem a maneira como a história é contada na mídia original, que é o livro de Austen.

FIGURA 11 – Gráfico do universo transmídia de Orgulho e Preconceito



Fonte: A autora

O gráfico leva em consideração o desenvolvimento das narrativas baseadas em Orgulho e Preconceito, utilizando dados como as lacunas das idas e vindas no tempo, criando fragmentos que permitem a entrada na história (Narrativa Lacunar), os elementos de storytelling, com destaque para as histórias dos personagens como braços da narrativa (Identificadores), e os recursos técnicos, estéticos e ações de engajamento que intensificam a experiência transmídia (Intensificadores). Assim, é possível visualizar no gráfico as diferentes mídias sociais utilizadas em TLBD, bem como as mídias que fazem parte da construção do processo de transmediação, tornando possível perceber outros caminhos que a história pode tomar.

A linha principal representa Orgulho e Preconceito e é a partir dela que o gráfico começa a se desenvolver. Junto à linha do livro de Austen, segue uma linha paralela que representa todos os livros feitos ao longo dos anos utilizando a história de Elizabeth Bennet como inspiração e que estão listados no capítulo três deste trabalho (Quadro 1). Essa tática foi

empregada devido ao grande número de obras nessas condições, sendo que o único outro livro enfatizado no gráfico é *Death comes to Pemberley*, de P. D. James, pois foi usado como base para a mais recente adaptação homônima para televisão da BBC, produzida em dezembro de 2013. Buscou-se, ainda, apresentar o gráfico como uma linha do tempo, colocando em ordem de produção todas as adaptações, quando possível identificar suas datas.

No que se refere a TLBD, sua linha do tempo/narrativa cruza-se com outras três adaptações, pois a personagem faz diversas referências a essas obras em seus vídeos, assim como outras obras de Jane Austen, mas que não fazem parte deste estudo. É importante ressaltar que as linhas das mídias sociais foram colocadas paralelamente à linha da websérie por mostrar outros pontos da mesma história que não apareceriam se estivessem na mesma mídia, mas seguindo a mesma linha temporal.

O vlog de Lydia, por exemplo, começou algum tempo depois do de Lizzie, quando elas estavam em lugares diferentes, devido a uma reforma na casa da família Bennet, e, portanto, não podia “invadir” os vídeos da irmã. Por essa razão, começou um canal próprio no Youtube, fazendo sua linha do tempo começar depois, mas ainda seguindo paralelamente à linha de TLBD. A linha de *The Lydia Bennet* segue até o ponto em que o site *Novelty Exposures* começa a divulgar a pré-venda da fita de sexo e a caçula das Bennet é informada do que está acontecendo. Ao mesmo tempo, o canal *Domino* começa a publicar vídeos demonstrativos do novo aplicativo da *Pemberley Digital*, que se tornou um empresa não fictícia na realização de produções transmídia.

4.3 Tccendo Lizzie Bennet

O universo de *Orgulho e Preconceito* mistura-se, então, ao mundo real, evidenciando o que Levy (1999) coloca sobre a importância dos meios, onde seus usos nos levam e os projetos que podem ser formulados para explorar suas virtualidades, aqui se aproveitando de uma experiência para construir uma empresa especializada nisso. O mesmo acontece com o vlog *Tccendo Lizzie Bennet*. A produção de vídeos para um canal que acompanha um trabalho de conclusão de curso (TCC) nos moldes do produto analisado também faz parte dessa mistura entre ficção e não ficção, em que as pessoas são convidadas a interferir na história e participar de sua construção, enriquecendo ainda mais a experiência transmídia da série, pois os papéis de consumidor e produtor não são mais separados, mas se cruzam nas

novas mídias e plataformas, que permitem que cada um conte a sua história e "venda" sua marca.

Já foi dito neste trabalho que a maneira como a história de *Orgulho e Preconceito* é transmitida entre as mídias convergentes influencia no que se apreende dela, como se utiliza isso no dia a dia e como as várias mídias e os spin-offs podem atrair as pessoas para interagirem com a narrativa, a partir da história transmídia, pois, ao desenrolar-se por múltiplas plataformas de mídia, cada novo texto contribui de maneira distinta e valiosa, e cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo (JENKINS, 2009a). O que é importante ressaltar aqui é que *The Lizzie Bennet Diaries* apresenta essas características de forma que, mesmo depois de um ano, suas narrativas ainda dão ao público outra perspectiva da história, apesar de não ser a mesma de quando a websérie estava ocorrendo de fato, episódio por episódio, o que é apontado tanto pelos produtores quanto pelos fãs da adaptação.

Mesmo assim, *Tccendo Lizzie Bennet* vem como forma de difundir a transmediação presente em TLBD por meio das informações do trabalho de conclusão de curso que se constitui nesta monografia, utilizando-se do mesmo formato que Lizzie usou para seu trabalho da faculdade. A autora deste trabalho, antes parte do público da websérie, passa a produzir conteúdo dentro da organização que Jenkins (2009a) chama de cultura participativa, distribuindo mensagens próprias sobre o que são *Orgulho e Preconceito* e *The Lizzie Bennet Diaries*. Dentro do contexto da convergência das mídias, na narrativa transmídia, os consumidores devem perseguir os pedaços da história nas diferentes mídias e, ao procurar por mais informações com outros fãs, colaborar para que todos possam ter acesso àquele material. Assim, este trabalho busca compreender o que muda na narrativa da obra de Austen quando sua história passa do meio impresso para uma proposta transmídia, observando-se do episódio 84 ao 88.

Ao adaptar uma obra de 1813 para o século XXI e para uma nova mídia, ou um novo conjunto de mídias no caso, o que muda? Barbosa (2012) diz que se trata meramente da oportunidade e necessidade de testar novas linguagens, narrativas e interações com a audiência, mas Linda Hutcheon (2013, apud HOOGENDOORN, 2013, p.09, tradução própria) observa que “uma adaptação, como o trabalho que se adapta, é sempre enquadrada num contexto - um tempo e lugar, uma sociedade e uma cultura”. Na ocasião de *The Lizzie Bennet Diaries*, o contexto é a instantaneidade da Internet, “com as possibilidades de pausar, ir para frente e para trás ou até mesmo abrir novas janelas de pesquisa para compreender

melhor o conteúdo principal” (BARBOSA, 2012, p. 11) e a exposição que esta provoca, como aconteceu com Lydia.

Diante desses levantamentos, cabe destacar que, ao utilizar as mídias sociais para contar a história de Orgulho e Preconceito, os produtores oferecem a possibilidade de o usuário ou público participar, oferecendo um canal de relacionamento direto com os personagens, pelo qual as pessoas pudessem falar com Lydia, em especial pelo Twitter, discutindo sobre seu relacionamento com Wickham, o que gerou a conversa entre os dois personagens a respeito de como as pessoas se importavam com ela. Outro exemplo é quando Bernie Su curtiu a página em inglês feita por fãs brasileiras, Socially Awkward Darcy, gerando mais oportunidades de resposta ao conteúdo da adaptação e também chamando atenção para a página graças à ferramenta de compartilhamento do Facebook e de outras mídias sociais, fazendo mais pessoas entrarem em contato com The Lizzie Bennet Diaries.

FIGURA 12 – Papeis de produtores e consumidores se misturam

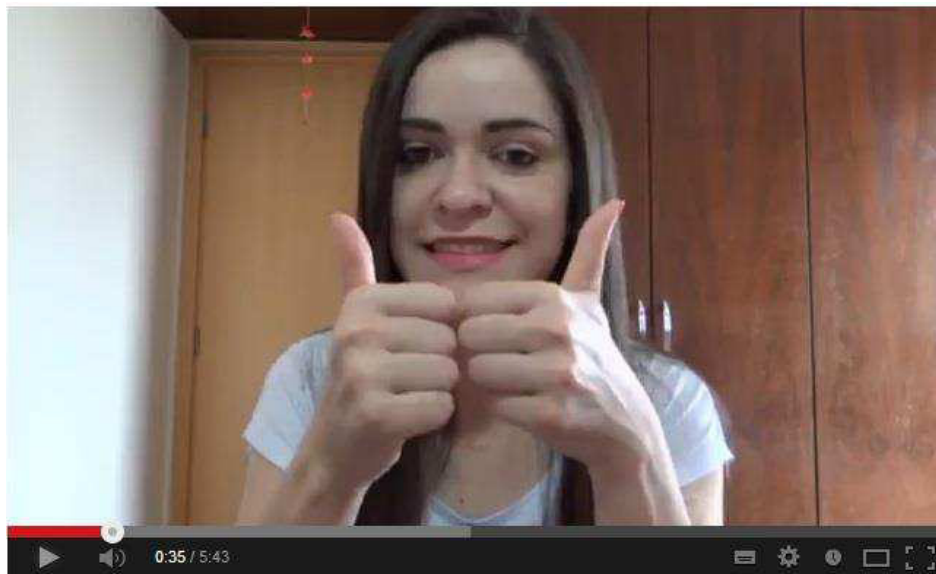


Fonte: Socially Awkward Darcy (2012, s.p.)

O mesmo vale para o Tccendo Lizzie Bennet, que, apesar de não ter comentários no Youtube, obteve-os no Facebook, dentro do grupo Pemberley Digital BR, criado pelo fandom brasileiro da empresa Pemberley Digital. Uma das integrantes do grupo, por exemplo, contou que está fazendo sua monografia sobre possibilidades de transmídia e pediu indicações de

bibliografia, ao que outras participantes que já haviam feito trabalhos sobre a temática, recomendaram Jenkins (2009a) e outros autores. Isso mostra como a conexão entre a cultura participativa e a inteligência coletiva faz parte do processo de transmídia, pois, ao mesmo tempo em que um novo conteúdo está sendo produzido a partir da participação dos fãs, tanto no grupo Pemberley Digital BR como nesta monografia, há uma produção conjunta de conhecimento a partir da interação entre eles ao auxiliar outra pessoa que está estudando o tema.

FIGURA 13 – Tccendo Lizzie Bennet



Fonte: Tccendo... (2013-, s.p.)

No próximo capítulo, retomaremos o tema e objetivos deste trabalho, apontando se eles foram cumpridos e quais os principais resultados encontrados durante a análise. Também serão descritos os maiores desafios encontrados durante pesquisa e propostas para trabalhos futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta monografia buscou enfocar as mudanças provocadas na narrativa pela adaptação do livro *Orgulho e Preconceito* para uma proposta transmídia, devido ao fato de a transmediação ter transformado a maneira como o público consome um produto e interage com ele. Além de observar essas transformações, buscou-se aprofundar os conceitos abordados e mostrar quais diferenças ocorrem na narrativa das duas obras e em outras produções presentes no processo de transmediação em questão, bem como apresentar como o formato transmídia permite a interação do público com a história e o que isso provoca, ao mesmo tempo em que se aprofundaram os conhecimentos em metodologias de análise transmídia.

Este trabalho não pretende afirmar que todos os produtos transmídia tenham esses desdobramentos, pois, como Jenkins (2009a) diz, ainda são poucas histórias transmídia e, assim, não há um método de análise específico para essas narrativas ou uma bibliografia adequada, especialmente no que se trata de webséries. Por essa razão, foram utilizadas duas propostas metodológicas para responder à questão problematizadora desta monografia: as questões de Gambarato (2012) e a esquematização gráfica de Ishida e Collaço (2012). Ao mesmo tempo em que o *Tccendo Lizzie Bennet* foi produzido, como forma de continuação da transmídia de TLBD, o que se provou um desafio, já que a ideia inicial era que os episódios não passassem de cinco minutos de duração e os vídeos ficaram com cerca de sete a oito minutos em média.

Com relação à proposta de análise de Gambarato (2012), algumas das questões que a autora levanta precisaram ser adaptadas ao contexto tanto do produto analisado, quanto do corpus da pesquisa, uma vez que webséries transmídia são produtos relativamente novos e o estudo sobre elas seja limitado, já que quase não existe bibliografia abordando o formato. Portanto, mostrou-se necessário observar as mudanças provocadas na narrativa a partir do público, seu comportamento com relação aos acontecimentos, expresso publicamente nas mídias sociais, e os recursos utilizados para intensificar a experiência transmídia e engajar os fãs, assim como a estrutura e as extensões da narrativa a partir dos elementos diferentes e em comum.

Cabe ressaltar, no entanto, que, durante a resolução da proposta de análise de Gambarato (2012), foi possível observar que alguns dos questionamentos também são

evidenciados no gráfico, como os tipos de plataformas de mídia envolvidos no projeto, se a transmediação é pró-ativa ou retro-ativa e quais as extensões e spin-offs que fazem parte da narrativa. O gráfico, integrado ao processo da análise, ajudou a responder a essas perguntas que a primeira autora trabalha em sua proposta e permitiu a identificação visual das linhas do universo narrativo, das histórias e das mídias que se cruzam, complementando as respostas que Gambarato (2012) procura responder com sua proposta, assim como a proposta desta auxilia no desenvolvimento do gráfico ao levantar questões sobre a construção da narrativa e da transmediação.

Com relação às principais questões observadas na narrativa, graças à mudança da mídia, ou meio, um ponto que merece atenção é que, se na história de Jane Austen, a família Bennet corre o risco de cair em desgraça quando Lydia fuge com Wickham sem casar-se com ele, na adaptação, por ser nos tempos atuais, Lydia se torna ainda mais vítima da situação. Isso porque, se antes ela não tinha nenhuma vergonha da fuga e não demonstrava nenhum remorso pelo escândalo que quase provocou, em TLBD, ela é enganada por ele para consentir uma filmagem dos dois fazendo sexo, como “prova de amor”, que, então, teve os direitos da imagem vendidos para uma empresa de filmes pornográficos. No momento em que Lizzie iria desligar a câmera para confrontar Lydia sobre a fita episódio 85, *Sisterly Support*, a segunda questiona o que é uma briga diante de todo o público da Internet, se a maioria das conversas entre elas tem sido assim (THE LIZZIE, 2012-2013, s.p).

Quando o Youtube é o principal meio utilizado para desenvolver a história, com as mídias sociais funcionando como suporte, ela precisa se adaptar às questões que estão inerentes à mudança do meio impresso para o meio eletrônico, como o tempo em que a história se passa e o contexto social e cultural daquele período. Por essa razão, no século XXI, uma fuga de namorados não seria tão importante para o desenvolvimento da adaptação. Além disso, o Youtube permite ao público visualizar outros pontos da narrativa, construindo cada personagem que aparece nos spin-offs e mídias sociais e sua relação com as pessoas que acompanham a websérie, abrindo portas para outros caminhos na história de *The Lizzie Bennet Diaries*.

Assistir aos spin-offs e acompanhar as mídias sociais não é necessário para entender a história. No entanto, em vários momentos, os personagens convidam as pessoas a imergir na narrativa e ver como as coisas se desenrolaram para Lydia nas vezes em que ela não aparecia em TLBD, o Lookbook de Jane, que a ajudou a conseguir um trabalho em Nova Iorque no episódio 91 (*How About That*), ou o site e o Twitter da Novelty Exposures. Essa opção que o público tem de escolher seu caminho na história entra no conceito de narrativa transmídia de

Jenkins (2009a), pois as pessoas são incentivadas a perseguir os pedaços desta em busca de uma imersão maior no conteúdo da história ao abordar fatos que antes ficaram obscuros na obra original.

Aliás, outra observação importante sobre a transmediação em *The Lizzie Bennet Diaries* é que essa utilização do Youtube como mídia principal e o uso das mídias sociais permitiu a participação do público com a narrativa. Graças às mudanças e diversidades de conteúdos presentes nas plataformas, as pessoas se sentiam compelidas a interagir com Lizzie e os outros personagens, pois a websérie inferia a sensação de que eram pessoas reais e não somente parte de uma adaptação por ser no formato de vlog, que é fácil e barato de fazer, como Raun (2010) colocou, permitindo que outros personagens também tivessem os seus canais, como Lydia, Maria Lu e o senhor Collins. Exemplos da participação das pessoas na história são os vídeos de perguntas e respostas que Lizzie produzia a cada dez episódios em média, com os nomes e mídias das pessoas que enviaram as perguntas e a petição para que a fita de sexo não fosse liberada.

Recuero (2010) definiu a mídia social como um fenômeno complexo que abarca novas tecnologias de comunicação mais participativas, rápidas e populares. Com TLBD, essa definição representa como a mudança de meio influenciou na história que foi passada e na maneira como as pessoas responderam a ela, por meio da interação nas mídias sociais ou na produção de seus próprios conteúdos, como acontece com este trabalho e o vlog *Tccendo Lizzie Bennet*. A realização de um canal que acompanha este estudo, seguindo os moldes do produto analisado, também faz parte desta construção da história por meio do público. Ela enriquece a experiência transmídia da série, com os papéis de consumidor e produtor se cruzando nas novas mídias e plataformas, integrando o gráfico apresentado no capítulo quatro, enquanto produto da cultura participativa (JENKINS, 2009a). Outro incentivo para a produção do vlog foi o envolvimento da autora com um MOOC¹⁶ sobre storytelling, narração em inglês, durante a primeira parte da pesquisa, que influenciou na procura por novas formas de desenvolver esse estudo.

Dessas acepções, podemos ressaltar que o propósito da produção do *Tccendo Lizzie Bennet* é reforçar a realização de estudos transmídia em meios de comunicação diferentes e entrar no fluxo da distribuição de informação por vários meios, assim como aprofundar na

¹⁶ Sigla em inglês para Curso Aberto Massivo On-line. "Future of Storytelling" é um MOOC livre da Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam em iversity.org sobre os formatos de ficção atuais e que busca analisar, compreender, contextualizar e criar histórias e narrativas (FUTURE, 2013, s. p.).

experiência que foi o desenvolvimento deste trabalho. O objetivo é enriquecer tanto a experiência do público quanto da autora do trabalho enquanto jornalista em formação acerca de novas formas de contar histórias, o que pode ser pensado para o jornalismo. Aliás, uma das propostas da autora para trabalhos futuros é buscar entender por que a transmídia não evoluiu para o jornalismo da mesma forma que para o entretenimento, aprofundando o conhecimento dos conceitos abordados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, J. **Orgulho e Preconceito**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2010.

BARBOSA, F. S. **Produção de conteúdos para internet (webséries) e televisão: potenciais transmidiáticos e novas formas de consumo**. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0141-1.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2013

BURGESS, J.; GREEN, J. **Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CHANGE.ORG. Stop him from releasing the Lydia Bennet Tape. 2013. Disponível em <<http://www.change.org/petitions/george-wickham-stop-him-from-releasing-the-lydia-bennet-tape>> Acesso em 11 fev. 2013

COLLAÇO, F.; ISHIDA, G. **Caminhos para metodologia de análise em transmídia**. São Paulo, II Fórum Transmídia, 28 e 29/09/2012. Disponível em <<http://www.slideshare.net/EraTransmidia/forum-metodologia-e-grfico-transmidia-ii-frum-transmidia-na-espm-ftm12>>. Acesso em 18 jun. 2013

DICIONÁRIO Oxford Advanced Learner's Dictionary. 7ª Ed., Oxford: Oxford University Press, 2005.

DOMINO. Demonstration - EP: 1. Produção: Hank Green e Bernie Su. Los Angeles: Youtube. 30 jan. 2013 – 15 fev. 2013. Websérie. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PL_ePOdU-b3xdh6_NmbLx6Uh0X3_48yuAJ>. Acesso em 05 fev. 2012.

FUTURE of Storytelling. Produção: Christina Schollerer et al. Alemanha: Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam. 25 out. 2013 – 20 dez. 2013. Curso Aberto Massivo On-line. Disponível em <https://iversity.org/my/courses/the-future-of-storytelling/lesson_units> Acesso em 25 out. 2013

GAMBARATO, R. **How to analyze transmedia narratives?** St. Petersburg, Rússia. Conferência “New Media: Changing Media Landscapes”. 27 a 28/09/2012. Disponível em <<http://prezi.com/fozv0jrlfsn0/how-to-analyze-transmedia-narratives/>> Acesso em 18 jun. 2013

GAMBARATO, R. **2013 Transmedia Storytelling - Lecture 1: What is Transmedia Storytelling?** Higher School of Economics, National Research University. Moscou, Rússia. 13 set. 2013. Disponível em <<http://prezi.com/ynayw1zwlocn/2013-transmedia-storytelling-lecture-1/>> Acesso em 29 out 2013

GETGLUE. 2008-. Disponível em <<http://tvtag.com/>> Acesso em 23 jan. 2014

GIL, A. C. Como encaminhar uma pesquisa? In: **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4ª. Ed., 2008.

GLOSSÁRIO de Termos Mobile. 03 fev. 2009. Disponível em <<http://carlosinfo.wordpress.com/2009/02/03/glossario-mobile/>>. Acesso em 23 jan. 2014

HOOGENDOORN, M. J. **Mixing media:** The Lizzie Bennet Diaries as a postmodern adaptation of Jane Austen's Pride and Prejudice. 32f. Tese de Bacharelado (Literatura Comparada) – Faculty of Humanities Theses, Universidade de Utrecht, Utrecht, Holanda, 2013. Disponível em <<http://dspace.library.uu.nl/handle/1874/277407>> Acesso em 01 ago. 2013

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009a.

JENKINS, H. **O que aconteceu antes do Youtube?** In: BURGESS, J.; GREEN, J. Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009b, p. 143-164

KICKSTARTER. [20--]. Disponível em <<http://www.kickstarter.com/>>. Acesso em 23 jan. 2014

LEMO, A. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4ª Ed., Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Inireu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LINKEDIN. 2003-. Disponível em <<http://www.linkedin.com/>> Acesso em 23 jan. 2014

LIZZIE Bennet: a modern adaptation of Pride and Prejudice. 2013. Disponível em <<http://www.lizziebennet.com/>>. Acesso em 10 jun. 2013

LOOKBOOK. 2008-. Disponível em <<http://lookbook.nu/>> Acesso em 23 jan. 2014

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. 4ª Ed., São Paulo: Cultrix, 1974.

MICHAELIS: dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

NOVAES, A. **Construindo uma rede social especializada**. In: AYRES, Marcel; CERQUEIRA, Renata; DOURADO, Danila; SILVA, Tarcízio (orgs.) #Mídias Sociais: Perspectivas, Tendências e Reflexões, 2010, p. 22-27. Disponível em <http://issuu.com/wfourcursos/docs/m_dias_sociais_-_perspectivas_tend>. Acesso em 31 jul. 2013

OKCUPID. [20--]. Disponível em <<http://www.okcupid.com/>> Acesso em 23 jan. 2014

PEREIRA, V. A. **Estendendo McLuhan: da aldeia à teia global: comunicação, memória e tecnologia**. Porto Alegre: Sulina, 2011

PEREZ, R. Webséries: novo nicho do mercado audiovisual. In: **Cultura e mercado**. 14 set. 2012. Disponível em <<http://www.culturaemercado.com.br/mercado/webseries-novo-nicho-do-mercado-audiovisual/>>. Acesso em 05 ago. 2013

RAUN, Tobias. **#Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube**. Trad. Jaqueline Gomes de Jesus. In: **Cronos**. Natal: UFRN, volume 11, número 02, p. 79-96, 2010. Disponível em <<http://ufrn.emnuvens.com.br/cronos/article/download/2155/pdf>> Acesso em 26 jul. 2013

RECUERO, R. **A Nova Revolução: as Redes são as Mensagens**. In: BRAMBILLA, Ana. **Para entender as mídias sociais**. 2011. p. 14-16. Disponível em <<http://issuu.com/anabrambilla/docs/paraentenderasmidiassociais>>. Acesso em 19 nov. 2013

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 4ª Ed., São Paulo: Paulus, 2010.

SOCIALLY Awkward Darcy. Bernie liked SADarcy **Facebook**. 20 nov. 2012. Disponível em <<https://www.facebook.com/SociallyAwkwardDarcy/timeline/story?ut=32&wstart=-2051193600&wend=2147483648&hash=407105499363854&pagefilter=3&ustart=1>> Acesso em 16 set. 2013

SOUSA, M. N. **A narrativa na encruzilhada: a questão da fidelidade na adaptação de obras literárias ao cinema**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga, 2012. Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/narrativa_na_encruzilhada/issue/current>. Acesso em 26 jul. 2013

SU, Bernie. 2013. My name is Lizzie Bennet and my videos are... **Vine**. Disponível em <<https://vine.co/v/hnFYWIwDP1w>> Acesso em 16 set. 2013

TCCENDO Lizzie Bennet. Produção: Clarice Sousa. Uberlândia: Youtube. 18 nov. 2013 –. Vlog. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCWXBGJx50j7JORtH-60RLw?feature=watch>> Acesso em 18 nov. 2013

TEMER, Ana C. M.; NERY, V. C. A. Paradigma Midiológico Tecnológico. In: **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 113-122.

THE LIZZIE Bennet Diaries. Produção: Hank Green e Bernie Su. Los Angeles: Youtube. 09 abr. 2012 – 28 mar. 2013. Websérie. Disponível em <<http://www.youtube.com/user/LizzieBennet>>. Acesso em 10 out. 2012.

_____. **My Name is Lizzie Bennet - Ep: 1**. Los Angeles: Youtube. 09 abr. 2012. Websérie.

_____. **My sisters: problematic to practically perfect - Ep: 2**. Los Angeles: Youtube. 12 abr. 2012. Websérie.

_____. **Bing Lee and his 500 teenage prostitutes - Ep: 4**. Los Angeles: Youtube. 19 abr. 2012. Websérie.

_____. **Charlotte's back - Ep: 8**. Los Angeles: Youtube. 05 maio 2012. Websérie.

_____. **Questions and Answers #6**. Los Angeles: Youtube. 20 out. 2012. Websérie.

_____. **Turkey Days - Ep: 65**. Los Angeles: Youtube. 19 nov. 2012. Websérie.

_____. **Giving Thanks - Ep: 66**. Los Angeles: Youtube. 22 nov. 2012. Websérie.

_____. **Back Home Again - Ep: 67**. Los Angeles: Youtube. 26 nov. 2012. Websérie.

_____. **Mr. Bennet's Christmas Train Extravaganza - Ep : 71**. Los Angeles: Youtube. 10 dez. 2012. Websérie.

_____. **Merry Christmas - Ep: 75**. Los Angeles: Youtube. 24 dez. 2012. Websérie.

_____. **Ugh - Ep: 84**. Los Angeles: Youtube. 31 jan. 2013. Websérie.

_____. **Consequences - Ep:85**. Los Angeles: Youtube. 04 fev. 2013. Websérie.

_____. **Sisterly Support - Ep: 86** Los Angeles: Youtube. 07 fev. 2013. Websérie.

_____. **An Understanding - Ep: 87**. Los Angeles: Youtube. 11 fev. 2013. Websérie.

_____. **Okay - Ep: 88**. Los Angeles: Youtube. 14 fev. 2013. Websérie.

_____. **How About That - Ep: 91**. Los Angeles: Youtube. 25 fev. 2013. Websérie.

THELBDOFFICIAL. LBD - The Day Everything Changed. **Tumblr**. 2013. Disponível em <<http://tumblr.com/post/41951417153/lbd-the-day-everything-changed>> Acesso em 05 fev. 2013

THISISMYJAM. [20--]. Disponível em <<https://www.thisismyjam.com>> Acesso em 23 jan. 2014

ANEXOS

SÉRIE COMPLETA

<http://bit.ly/WESUA>

SITES OFICIAIS

<http://www.lizziebennet.com/>

<http://pemberleydigital.com/>

<http://www.collinsncollins.com/>

<http://www.lydiabennettape.com/>

<http://domino.pemberleydigital.com/>

YOUTUBE

<http://www.youtube.com/user/LizzieBennet>

<http://www.youtube.com/user/TheLydiaBennet>

<http://www.youtube.com/user/PemberleyDigital>

<http://www.youtube.com/user/MariaOfTheLul>

<http://www.youtube.com/user/CollinsandCollins>

FACEBOOK

<http://facebook.com/LizzieBennetDiaries>

<http://www.facebook.com/TheLizzieBennet>

<https://www.facebook.com/LooksByJane>

<https://www.facebook.com/TheLydiaBennet>

<https://www.facebook.com/TheCharlotteLu>

<https://www.facebook.com/PemberleyDigital>

TWITTER

<http://twitter.com/TheLBDOfficial>

<http://twitter.com/TheLizzieBennet>

<http://twitter.com/WmDarcy>

<http://twitter.com/TheLydiaBennet>

<http://twitter.com/LooksByJane>

<http://twitter.com/TheCharlotteLu>

<http://twitter.com/TheMaryBennet>

<http://twitter.com/TheKittyBennet>

<http://twitter.com/GGDarcy>

<http://twitter.com/Bingliet>

http://twitter.com/That_Caroline

<http://twitter.com/FitzOnTheFitz>

<http://twitter.com/TheGWickham>

<http://twitter.com/MrRickCollins>

<http://twitter.com/MariaOfTheLu>

<http://twitter.com/PemberleyDig>

<http://twitter.com/NoveltyXposures>

TUMBLR

<http://thelbdofficial.tumblr.com/>

<http://lizziebennetdiaries.tumblr.com/>
<http://thelydiabennet.tumblr.com/>
<http://looksbyjane.tumblr.com/>
<http://thecharlottelu.tumblr.com/>
<http://mariaofthelu.tumblr.com/>
<http://pemberleydigital.tumblr.com/>

OUTROS

<http://www.imdb.com/title/tt2392261/>
<http://gplus.to/TheLizzieBennet>
<http://www.thisismyjam.com/ggdarcy>
<http://getglue.com/ggdarcy>
<http://lookbook.nu/looksbyjane>
<http://www.linkedin.com/in/mrrickcollins>
<http://www.okcupid.com/profile/TheGWickham>

APÊNDICES

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 01	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio	“É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e rico precisa de esposa”
Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos.	Falar que essa frase é a primeira do livro “Orgulho e Preconceito”, obra de 1813 de Jane Austen e que é o tema da monografia.
VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Explicar que os vídeos serão para acompanhar a realização da monografia
	BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube)
	Explicar quem é a autora dos vídeos, onde estuda, qual curso está fazendo e como vai funcionar a dinâmica dos vídeos.
	Explicar porque a autora escolheu “Orgulho e Preconceito”.
	Explicar como conheceu e escolheu “The Lizzie Bennet Diaries”.
	Convidar o público a participar.
	“Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet”

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 02	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio	Retomar brevemente o que foi abordado no vídeo anterior
Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos.	Descrever o que vai ser abordado no vídeo atual, ou seja, a temática da monografia da autora.
VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) Explicar o contexto da história de “Orgulho e Preconceito”. Qual a parte da história que será utilizada para o TCC. Tema do TCC: o que muda na narrativa com a mudança do meio do livro para a proposta transmídia da adaptação do Youtube. Breve explicação do que é transmídia e das mídias utilizadas em The Lizzie Bennet Diaries. Falar o que vai ter no próximo vídeo e convidar o público a participar. “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet”

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 03	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos. VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Retomar brevemente o que foi abordado no vídeo anterior O vídeo atual será sobre a justificativa do TCC, os motivos pelos quais a autora abordará transmídia e a adaptação de “Orgulho e Preconceito” BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) São três motivos para falar sobre o tema: Questão das adaptações: The Lizzie Bennet Diaries é a primeira adaptação no formato transmídia e especificamente para a internet Histórico das adaptações de “Orgulho e Preconceito” Estudo recente: Pouca bibliografia e poucos estudos abordando esta temática Falta de metodologia de análise definida, que é uma das propostas do TCC, mesclando duas outras metodologias já sugeridas. Relação entre produtores e consumidores transformada pela transmediação Reforçar o que vai ser feito neste trabalho e propostas para o futuro Convidar o público a participar. “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet”

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 04	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos. VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Falar o que vai ter no vídeo, que é a fundamentação teórica, e explicar que essa parte vai se estender por vários capítulos. “Hoje, nós vamos falar sobre McLuhan e a Escola Canadense” BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) Explicar porque vamos começar falando de McLuhan e porque os conceitos que ele trabalha são importantes. Explicar “o meio é a mensagem” Consequências sociais e pessoais das novas tecnologias enquanto extensão de nós Sem meio não há mensagem – o meio enquanto agente que influencia na mensagem que está sendo passada Exemplificar A evolução das tecnologias está intrínseca na transmídia e na participação das pessoas na história – relacionar com o tema do TCC Explicar como McLuhan foi escolhido e reforçar porque é importante para o trabalho Falar o que vai ter no próximo vídeo e convidar o público a participar. “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet”

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 05	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos. VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Retomar o que foi dito no último vídeo sobre McLuhan e explicar que este capítulo será sobre algumas reflexões sobre a monografia que foram editadas do vídeo anterior. BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) Recapitular a parte em que começam as reflexões. “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet” Fala sobre como achar um tema e uma teoria que encaixam é importante para a monografia e como isso influencia no resultado final O que a autora espera da própria monografia

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 06	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos. VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Retomar McLuhan Neste vídeo, será feita a conexão entre McLuhan e cibercultura, outro conceito trabalhado na monografia Corrigir o erro de pronúncia de “cibercultura” feito nos vídeos anteriores BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) Explicar porque vamos retomar McLuhan. Os meios não são bons ou maus. É a maneira como são utilizados que influenciam. Narrativa transmídia → nova maneira de contar histórias a partir de vários meios → participação do público na construção do conteúdo → interação Fase final da extensão dos meios – simulação da consciência do homem Pereira, que trabalha McLuhan → Extensão – mensagem – meios Mensagem como processo de criação coletiva do conhecimento e extensão do pensamento humano. O meio é visto como um todo que influencia na maneira como a mensagem vai atingir o público.

	Várias interpretações + redes digitais → cibercultura → interações e trocas, novas formas de ligar um ao outro → Mediação das relações sociais, formação da identidade e sentido mais amplo da vida social (Santaella) Exemplificar com produtos feitos por fãs sobre The Lizzie Bennet Diaries Falar o que vai ter no próximo vídeo e convidar o público a participar. “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet”
--	---

|

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 07	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos. VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Explicar o atraso da postagem do vídeo e falar sobre a inversão dos mesmos. Vídeo com os erros de gravação “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet” BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) Cortes dos erros de gravação dos outros vídeos.

|

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 08	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos. VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Falar qual o tema do vídeo, cibercultura, e os autores que são utilizados para tratar do conceito. BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) Levy (1999): interatividade → comunicação virtual; apropriação e personalização da mensagem – interação do público com TLBD Cibercultura ligada ao mundo virtual tanto de forma direta quanto indireta. Direta: mesmo material na rede Indireta: comunicação independente de espaço e tempo Lemos (2008): nova relação entre técnica e vida social O propósito das novas mídias não é substituir outras, mas acrescentar outro ponto de vista. Santaella (2010): discorda de Lemos, mas admite que nenhuma era cultural desapareceu ainda, se reajustando e transformando a comunicação entre as pessoas, o que é a definição de cibercultura Falar o que vai ter no próximo vídeo e convidar o público a participar. “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet”

ROTEIRO “TCCENDO LIZZIE BENNET” – Episódio 09	
VÍDEO	ÁUDIO
Plano médio Deve ter em torno de 04 minutos, não ultrapassando 05 minutos. VINHETA “TCCENDO LIZZIE BENNET”	Retomar o que foi dito no último vídeo e corrigir o erro de pronúncia de “cibercultura”. Falar o tema do vídeo: inteligência coletiva (Levy, 1999) e cultura participativa (Jenkins, 2009) Falar sobre o que vai ter no próximo vídeo BG: Everyday (Biblioteca de áudio do Youtube) Inteligência coletiva: motor da cibercultura → movimentação dos vlogs TLBD e o Tccendo Lizzie Bennet → troca de informações e aprendizagem mútua Cultura participativa: a linha de produção não passa mais por uma só pessoa Novas regras para uma resposta mais imediata → pessoas, meios e rumos diferentes que o processo toma. Exemplificar com a história de Lydia na história É diferente do conhecimento compartilhado Porque a autora considera os dois conceitos parecidos Vários caminhos que podem ser tomados Falar de Socially Awkward Darcy, Lizzie Bennet DVD, participação no enredo. Ligar com transmídia, que será o tema do próximo vídeo e convidar o público a participar. “Meu nome é Clarice e este é o Tccendo Lizzie Bennet”